

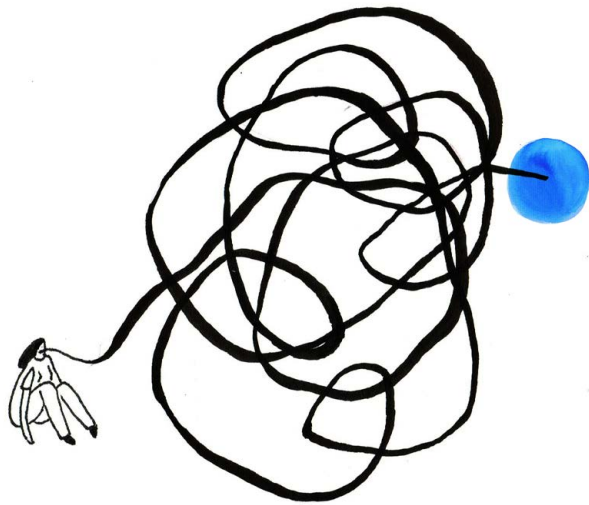


**LETRASE
TRAÇOS
DACADEIA
DEPAPEL**

Organizadoras: Debora Diniz e Sinara Gumieri



LETRASE
TRAÇOS
DACA DEIA
DEPAPEL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Responsável: Illy Guimarães B. Batista (CRB/DF 2498)

Letras e traços da cadeia de papel / Debora Diniz, Sinara Gumieri (organizadoras). - Brasília :
LetrasLivres, 2018.
96 p. : il.

ISBN 978-85-98070-52-0 (Impresso) ; ISBN 978-85-98070-53-7 (PDF)

1. Medida socioeducativa de internação - correspondência - Santa Maria (DF). 2. Adolescente em conflito com a lei - correspondência - Santa Maria (DF). 3. Gênero - aspectos sociais. 4. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). 5. Unidade de Internação de Santa Maria (UISM) - Distrito Federal. I. Diniz, Debora. II. Gumieri, Sinara.

CDD 346.810135
CDU 343.224.1 (817.4)

A editora LetrasLivres é filiada à Câmara Brasileira do Livro e à Associação Brasileira das Editoras Universitárias.

LETRASE TRAÇOS DACADEIA DEPAPEL

Organizadoras: Debora Diniz e Sinara Gumieri

Letras e Traços da Cadeia de Papel

Este livro foi organizado pela Anis - Instituto de Bioética, organização não governamental sem fins lucrativos localizada em Brasília-DF, Brasil, a partir de acervo de cartas produzidas ao longo de pesquisa etnográfica conduzida em 2015 na Unidade de Internação de Santa Maria (DF). A pesquisa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (Convênio n. 813081/2014) e viabilizada por meio de termo de cooperação técnica firmado com a Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal (Processo n. 417.001.233/2014). A edição desta obra foi financiada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e sua distribuição eletrônica ou impressa é gratuita. A edição desta obra foi viabilizada por meio do projeto “Por Onde Andam os Direitos das Crianças e Adolescentes?”, realizado no âmbito da cooperação técnica envolvendo o Ministério dos Direitos Humanos (MDH), o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), a Organização dos Estados Ibero-Americanos para Educação, Ciência e Cultura (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO Brasil).



Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO Brasil

Salete Valesan Camba
Diretora

Kathia Dudyk
Coordenadora do Programa Participação, Sociedade Civil e Processos de Mobilização

Maria Izabel da Silva
Coordenadora do projeto “Por Onde Andam os Direitos das Crianças e Adolescentes?”

Cristiane Camba, Maria Lizeth Acquisti, Diane Funchal e Valéria Camargo
Equipe

Ministério dos Direitos Humanos

Michel Temer
Presidente da República Federativa do Brasil

Gustavo do Vale Rocha
Ministro de Estado dos Direitos Humanos

Marcelo Dias Varella
Secretário-Executivo do Ministério dos Direitos Humanos

Luís Carlos Martins Alves Júnior
Secretário Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Marco Antonio Soares
Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

Letras Livres

Debora Diniz, Malu Fontes
Editoras responsáveis

Cristiano Guedes, Florencia Luna, Maria Casado, Marcelo Medeiros, Marilena Corrêa, Paulo Leivas, Roger Raupp Rios, Sérgio Rego

Conselho editorial

Tiragem: 1.000 exemplares
Impresso no Brasil
Distribuição gratuita
1ª Edição - 2018

LetrasLivres
Equipe editorial

Sinara Gumieri
Coordenação editorial

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CAAE: 39967414.6.0000.5540. Parecer consubstanciado n. 943.922

Revisão ética

Ana Paula Manrique, Isadora Rocha, Manuela Melo, Raquel Alcoforado, Renata Fonseca
Transcrições

Lílian de Oliveira
Revisão de texto

Valentina Fraiz
Capa e ilustrações

Guilherme Werner
Design gráfico

PREFÁCIO

O livro *Letras e Traços da Cadeia de Papel* é resultado da pesquisa realizada em 2015 pela Anis - Instituto de Bioética, em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos (MDH) e o Governo do Distrito Federal (GDF). Por meio das cartas selecionadas pelas organizadoras Debora Diniz e Sinara Gumieri, os leitores serão remetidos à variada, porém sempre difícil, realidade das adolescentes privadas de liberdade na Unidade de Internação de Santa Maria (DF). Mas sociedades civilizadas e decentes tratam as pessoas em situação de vulnerabilidade com respeito e consideração. Este livro revela isso: o reconhecimento da dignidade dessas jovens meninas.

A publicação desses importantes testemunhos foi viabilizada por meio do projeto “Por Onde Andam os Direitos das Crianças e Adolescentes?”, realizado no âmbito da cooperação técnica envolvendo o MDH, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), a Organização dos Estados Ibero-Americanos para Educação, Ciência e Cultura (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO Brasil). Iniciado em 2017, o projeto tem tornado possível a organização de um conjunto articulado de ações voltadas para a discussão, definição, divulgação e promoção dos Direitos Humanos das crianças e dos adolescentes, com o objetivo de sensibilizar a sociedade brasileira sobre a real situação desses direitos e incentivar avanços nos direitos conquistados.

Com efeito, nas últimas décadas, a sociedade civil mobilizada, em articulação com os governos, avançou na promoção e defesa de direitos da infância e da adolescência em áreas como a diminuição da mortalidade infantil, a universalização do ensino fundamental e a erradicação do sub-registro civil de nascimento. No entanto, o país ainda enfrenta enormes desafios nesse campo, entre eles a urgente necessidade de melhoria e efetivação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase).

Os depoimentos expressos nas cartas das adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em Santa Maria atestam os desafios vivenciados pelo Sinase em promover os objetivos para os quais foi criado, conforme previsto na Lei nº 12.594/2012, nas Resoluções 119/2006 e 160/2013 do Conanda e no próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Em meio a esse cenário, a presente publicação convoca os atores envolvidos na rede de proteção dos direitos das crianças e adolescentes, bem como a sociedade em geral, a refletir sobre os caminhos a serem trilhados para que as medidas socioeducativas – de meio aberto, de privação e restrição de liberdade – adquiram de fato um caráter educativo, de modo a instituir direitos, interromper a trajetória infracional e permitir a inclusão social, educacional, cultural e profissional dos adolescentes.

Boa leitura.

**Secretaria Nacional dos Direitos da
Criança e do Adolescente (SNDCA)**

**Conselho Nacional dos Direitos da
Criança e do Adolescente (Conanda)**

**Faculdade Latino-Americana de
Ciências Sociais (FLACSO Brasil)**

Quem é o Sinhô? Quem é o Doutô?
Pra narrar de onde venho
Pra contar o que eu sou

Pra onde vai com essa prancheta?
Com isso a sociedade vai me ver?
Ou vão continuar te consultando pra conseguir me conhecer?

A voz calada é genocídio
O esquecimento aumenta os tiros
Precisar dos seus diplomas pra mostrar que eu existo

Da periferia à favela
É o Lago Norte que canta a pedra
As marcas eu carrego
Mas minha voz não interessa

A realidade dos povos
Você não vai sentir
Precisará de propriedade pra falar sobre isso aqui

A propriedade que procura
Só eu que a possuo
Eu trago a voz e as marcas
Você só tem estudos

Você pode falar, pode discursar
Levar fotografia
Mas não deve me ofuscar

Dividiremos o espaço, essa é a proposta
Zona de conforto vão abaixo
Fases abismadas e emocionadas são expostas

Não é isso que tu busca?
Fale, exponha, insista e grite
Só não te esqueça dos atores
Dessa peça que assiste

Iasmim Baima

Estudante de Serviço Social,
Egressa da Unidade de Internação de Santa Maria

SUMÁRIO

1	Apresentação · Sinara Gumieri	43	Nem mãe e nem pai · Elisa
7	3/3/2015 · Terça-feira · Rachel	45	5/9/2015 · Domingo · João
9	7/3/2015 · Domingo · Noemi	47	9/9/2015 · Quarta-feira · Angélica
10	12/3/2015 · Quinta-feira · Cora	48	13/9/2015 · Domingo · Cecília
13	15/3/2015 · Domingo · Cora	51	13/9/2015 · Domingo · Lygia
14	31/3/2015 · Terça-feira · Cora	53	13/9/2015 · Domingo · Maria
17	Eu e a literatura · Noemi	55	7/10/2015 · Quarta-feira · Lygia
19	29/5/2015 · Sexta-feira · Ana Maria	57	Rap Dia de visita 2 · As Conduta
20	9/6/2015 · Terça-feira · Conceição	58	8/6/2015 · Segunda-feira · Cora
23	Rap Dia das Mães · Maria	61	22/6/2015 · Segunda-feira · Cora
24	21/6/2015 · Domingo · Alice	62	25/6/2015 · Quinta-feira · Cora
26	7/7/2015 · Terça-feira · Lygia	63	20/7/2015 · Segunda-feira · Cora
29	23/7/2015 · Quinta-feira · Cristiane	67	13/9/2015 · Domingo · Alice
31	Rap Dia de visita 1 · As Conduta	69	4/11/2015 · Quarta-feira · Carolina
32	28/7/2015 · Terça-feira · Cora	71	8/11/2015 · Domingo · Carolina
35	30/7/2015 · Quinta-feira · Angélica	72	7/1/2016 · Quinta-feira · Mel
36	1/8/2015 · Domingo · Clarice	77	Rap Vida roubada · Mel e Jarid
39	13/8/2015 · Quinta-feira · Lygia	79	Posfácio · Debora Diniz
41	21/8/2015 · Sexta-feira · Conceição	81	Modos de dizer

APRESENTAÇÃO

Quando Debora Diniz chegou à Unidade de Internação de Santa Maria (DF) em janeiro de 2015, trouxe novidades. A professora da Universidade de Brasília e pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética estava ali para aprender sobre como vivem adolescentes privadas de liberdade por malfeitos que, se praticados por adultos, são chamados de crimes. Levou consigo papéis que autorizavam sua perambulação na unidade, caderno de campo para anotar o vocabulário local, gravador de voz para não esquecer o que diziam as entrevistadas, câmera fotográfica para registrar a arquitetura da *cadeia de papel* - esse lugar ambíguo que tem grades e salas de aula, quartos com portas de ferro e cadeados. Diniz não podia imaginar que, dentre todo o aparato de pesquisa, simples canetas é que teriam efeito transformador em seu encontro com as adolescentes.

Diniz planejava conviver com as adolescentes enquanto seguia o ritmo de plantão de agentes socioeducativas: a cada três dias, passava 24 horas na unidade, vendo e ouvindo adolescentes em internação sentenciada ou provisória. Logo passou a ser questionada: se era professora, o que ela lia? O que ensinava, o que escrevia? Diniz propôs às curiosas que lessem livros escritos por mulheres de várias bandas do mundo. À medida que livros como *Enterro celestial*, da chinesa Xinran, e *Balada de amor ao vento*, da moçambicana Paulina Chiziane, passaram a circular entre os corredores dos módulos, o tempo de prosa ao pé da bocuda foi ficando curto para contar das personagens favoritas, das histórias emocionantes.¹ Escrever cartas foi a saída. Mas não era fácil para as adolescentes dizer tanto no pouco tempo em que tinham acesso a canetas vigiadas, no pátio ou na sala de aula. Sob a tensão da tranca, todo instrumento é avaliado pelo potencial de virar arma. Diniz sabia que, se o problema era comum às cadeias, deveria haver solução comum também. Foi assim que importou dos Estados Unidos canetas flexíveis, que dobram até as pontas se encontrarem. Maleáveis assim, não geram dúvidas: só servem mesmo para escrever.

Com acesso a livros, canetas e papéis nos quartos, o volume de cartas começou a crescer e destrancar portas. Mulheres ilustradoras do projeto

¹Debora Diniz narrou a experiência de encontro com as adolescentes por meio de livros e cartas em apresentação no TEDx Parque das Nações Women em junho de 2015 (Diniz, Debora. Cadeia de Papel. TEDx Parque das Nações Women, 29 mai. 2015. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=IH0oHy7pBR0&t=114s. Acesso em 22 ago. 2018).

Eu Vejo Flores em Você se voluntariaram para representar as cartas das adolescentes por meio de desenhos coloridos.² As remetentes passaram a acessar mais o mundo do fora, experimentando serem lidas. No ritmo da escrita, participaram de concursos de redação, e uma delas recebeu o prêmio nacional de melhor redação de Dia dos Professores 2015 da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com um texto em homenagem a Debora Diniz.³ Parte da recompensa foi a doação de uma biblioteca, batizada de Letras e Traços, para os módulos femininos da unidade de internação. Quatro adolescentes atuaram como pesquisadoras de ensino médio da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ensino Médio 2015-2016, sob orientação de Diniz, em um projeto de pesquisa intitulado Vozes e Palavras sobre a Privação de Liberdade.

Ao final de 14 meses de pesquisa, o acervo somava mais de duas centenas de cartas. A cada plantão, Diniz reservava tempo para o trabalho de carteira: receber as novas cartas, distribuir nos quartos as respostas à leva anterior. Fiz parte da equipe de assistentes de pesquisa que ajudou a cuidar do correio. Diniz respondia cada carta; nós atentávamos para que fossem bem guardadas e dávamos suporte nos pedidos que surgiam de vez em quando: um livro novo, uma foto, uma apostila do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). Foi assim que acompanhamos do fora o mergulho de Diniz na *cadeia de papel*.

² O grupo de ilustradoras voluntárias *Eu Vejo Flores em Você* busca valorizar a comunicação solidária entre mulheres. Membros do grupo souberam da troca de cartas na *cadeia de papel* por meio da apresentação de Debora Diniz no TEDx Parque das Nações Women, e se ofereceram para ilustrá-las, o que foi fascinante para as adolescentes remetentes. (*Eu Vejo Flores em Você*. Disponível em: <https://www.facebook.com/asfloresemvoce/>. Acesso em 22 ago. 2018).

³ Esse foi o texto em homenagem a Debora Diniz vencedor do concurso de redação da Unesco em 2015: “Em um lugar que só tem grades, ela chega com livros nas mãos. Toda frágil, passa pelo corredor pesado de maldades, para na porta do meu quarto e abre um sorriso que reflete um futuro cheio de promessas. Ela diz que sou capaz, que tenho muitas qualidades, que isso vai acabar e que, quando eu estiver em liberdade, poderei recomeçar junto com ela. Às vezes, penso em desistir, mas ela me olha nos olhos e diz ‘eu estou com você’. Sou uma adolescente em conflito com a lei, estudo em escola de cadeia e tenho 18 anos. A minha professora não ensina matérias, mas sentidos para a vida. É isso que a faz minha heroína.” (Gallo, Mel Bleil. Adolescente de centro de internação vence concurso da Unesco sobre o Dia dos Professores. *Metrópoles*, 15 out. 2015. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-df/adolescente-de-centro-de-internacao-vence-concurso-da-unesco-sobre-o-dia-dos-professores>. Acesso em 14 ago. 2018).

O vínculo entre as meninas missivistas e a professora pesquisadora foi crucial para começar a entender o desamparo das habitantes da unidade. Entre as 18 adolescentes sentenciadas à medida socioeducativa de internação então, a maioria eram negras, tinham entre 14 e 17 anos, haviam perdido vínculo com a escola bem antes do fim do ensino fundamental e foram internadas por infrações relacionadas ao tráfico de drogas. Metade delas havia sido apreendida com homens mais velhos, com quem mantinham relações de conjugalidade e proteção diante da violência policial e territorial do comércio ilegal de drogas. Quatorze das 18 adolescentes já haviam sofrido violência sexual na casa ou na rua; nove já tinham vivido na rua por dias ou meses, muitas vezes fugindo da violência doméstica.⁴

A escrita é parte do dia a dia na privação de liberdade. Sentenças, planos individuais de atendimento e relatórios psicossociais dublam as trajetórias de vida de adolescentes em conflito com a lei, esquadrinhando se elas têm família, se levam escola a sério, se são meninas bem-comportadas, se usam drogas, se se arrependem dos malfeitos. Quando as adolescentes são as donas das canetas, do que falam? Este livro apresenta algumas pistas. As 35 cartas e textos que o compõem foram escritas por 19 adolescentes, identificadas por codinomes em respeito ao seu direito de não serem estigmatizadas pelo passado. As cartas, poemas e letras de rap foram transcritos na íntegra e submetidos a revisão ortográfica mínima, de forma a preservar o estilo de cada autora. Um pequeno glossário ao final do livro facilita o percurso entre os modos de dizer da *cadeia de papel*. Cada texto é acompanhado de uma ilustração de Valentina Fraiz, artista que acompanhou os rumos do encontro de Debora Diniz com as adolescentes. As ilustrações são um convite a ler os textos pelo menos duas vezes: a primeira só pelas palavras, a segunda com a sensibilidade que as traduziu em traços e cores.

As cartas do livro tiveram Debora Diniz como destinatária, e a confiança é evidente pelos temas abordados pelas remetentes: relações familiares, mundo do crime e violência, sofrimento na privação de liberdade, saúde mental, planos para o futuro. Mas porque Diniz era também uma mulher que circulava para além das grades, as cartas volta e meia se referem a interlocutoras imaginárias do mundo do fora. Impressionadas com a professora que as lê e ainda responde, as adolescentes não conseguem deixar de pensar nas pessoas que não as conhecem, mas têm opiniões formadas

⁴ Os resultados da pesquisa conduzida por Debora Diniz na *cadeia de papel* estão disponíveis em: Diniz, Debora. *Meninas fora da lei: a medida socioeducativa de internação no Distrito Federal*. Brasília: LetrasLivres, 2017. Disponível em: <http://www.anis.org.br/anis-meninas-fora-da-lei-2017-3/>. Acesso em 30 ago. 2018.

sobre elas. Por isso elas falam para Diniz, mas também conosco, as leitoras de hoje. Suas narrativas complicam o senso comum sobre meninas fora da lei: são bandidas que trabalham pesado no comércio de drogas ilícitas, são adolescentes promíscuas que aprendem a despossessão do corpo para sobreviver, são meninas agressivas que enfrentam a dureza da rua quando a casa é mais assustadora.

A internação não tem sido capaz de enfrentar o desamparo que as adolescentes narram. Três anos depois do fim da pesquisa na *cadeia de papel*, sabemos que pelo menos sete das 19 autoras de textos deste livro estiveram ou estão presas em prisão de gente adulta. Quando a internação acaba e as grades se abrem, muitas adolescentes não têm novos rumos a seguir, e os caminhos de antes têm destino trágico conhecido. Por isso este é um livro urgente: em cada testemunho, há um chamado de ação para leitoras engajadas, aquelas que acreditam que conhecer histórias de tanto desamparo no começo da vida é se responsabilizar por transformá-las. A coleção de testemunhos do livro forma um manifesto pela garantia de direitos de crianças e adolescentes, por políticas públicas de saúde, educação e combate à violência racial e de gênero, por um Estado que faça muito mais antes de considerar encarcerar, por uma sociedade que acredite no poder mágico das canetas.

Sinara Gumieri

Pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética



Eu percebi que você é observadora quando eu a vi tirando algumas fotos, nos primeiros dias que você esteve aqui. Percebi como você foi detalhista ao escolher um fundo para suas fotografias, acho que só uma pessoa observadora repararia em um fundo que parecia tão belo, mas na verdade foi uma ideia genial.

Eu acho que você enxerga o mundo com outros olhos, porque você vê a realidade, você não coloca uma venda nos olhos, você consegue encarar a realidade, você vê o que está acontecendo no cotidiano. Não só vê como nos mostra a realidade, você vai além do que outros olhos não veem, você vê o que todos nem veem.

Os olhos não nos fazem ver a mesma coisa, porque cada um tem uma visão diferente, não só a visão, mas a maneira de ver o mundo. Nós estamos no mesmo mundo, mas cada um tem o seu mundo.

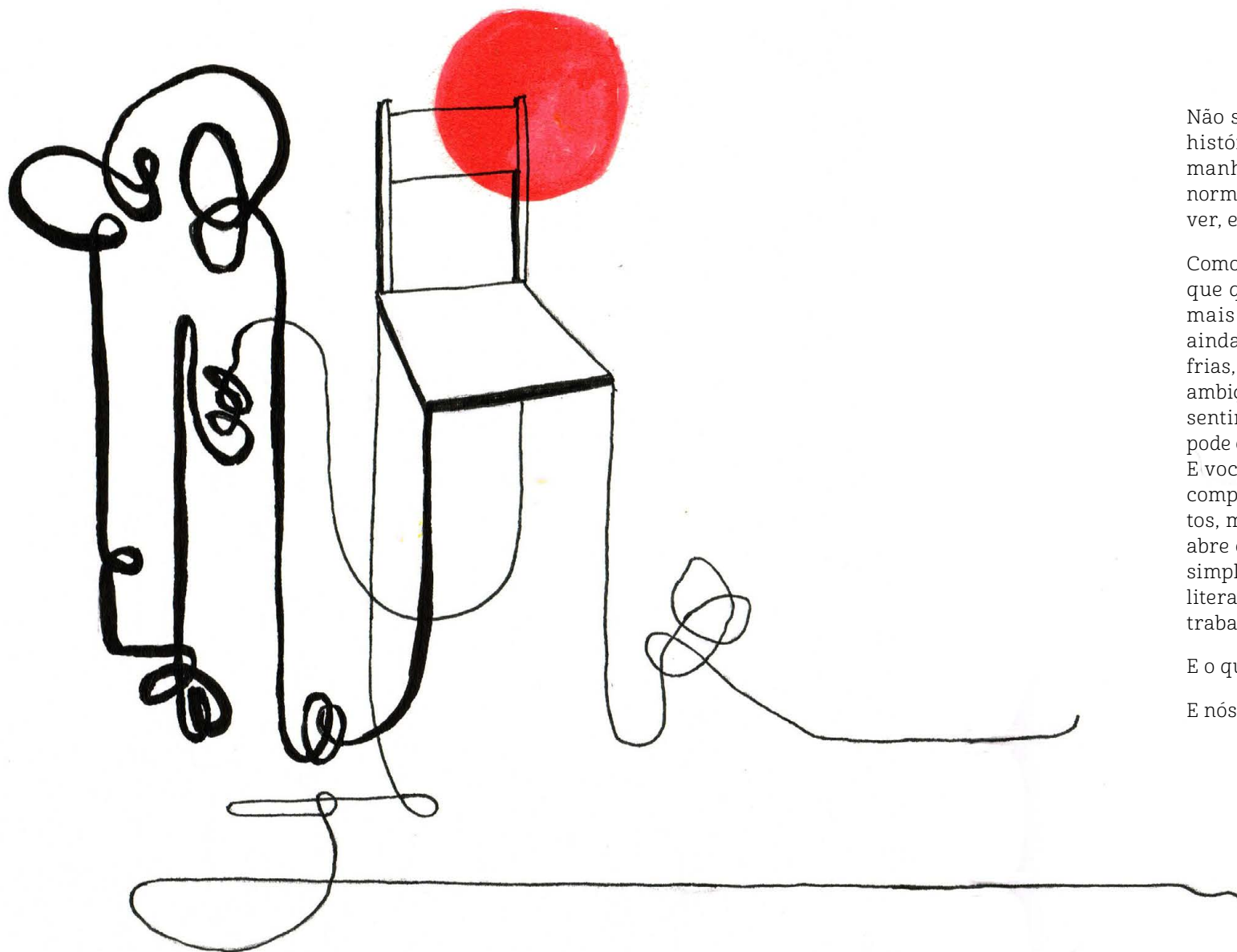
Espero que essas cartas possam ao mesmo tempo ser lidas por quem está fora desses muros, contando só a realidade, como você já faz. Você vai em busca da verdade, é isso que as pessoas precisam ver.

Você deveria continuar assim, essa pessoa provocadora. Não sei te responder se você deveria ouvir mais, nós nunca tivemos um diálogo longo.

Os olhos de espectadores que nada sabem e muito julgam, que nos veem como monstros, não enxergam nossa humanidade e se acham superiores.

Os olhos que aqui vigiam procuram histórias reais que a sociedade condena com preconceitos. Esses olhos buscam a compreensão, a razão em raiz, a verdade.

Rachel



Não sei exatamente o que você faz ouvindo histórias, mas o que imagino ser é uma tamanha vontade de se sobressair das ficções normais para a realidade que poucos desejam ver, e captar a raiz do problema.

Como já me disse que é orientadora, acredito que queira passar para as pessoas que por mais desumano o que tenhamos cometido ainda somos apenas garotas, umas um tanto frias, mas ainda meninas, levadas por ilusões, ambições, influências e uma porção de outros sentimentos. Erramos como qualquer pessoa pode errar variando apenas de suas situações. E você nos ouve, não posso garantir que nos compreenda por não lhe ouvir os pensamentos, mas sei que não nos julga. Você também abre espaço para falarmos de algo que é tão simples, mas tem o poder de mudar muito, a literatura. Esse pelo menos para mim é o seu trabalho, ver para ensinar a ver.

E o que é o seu trabalho?

E nós meninas, o que representamos?

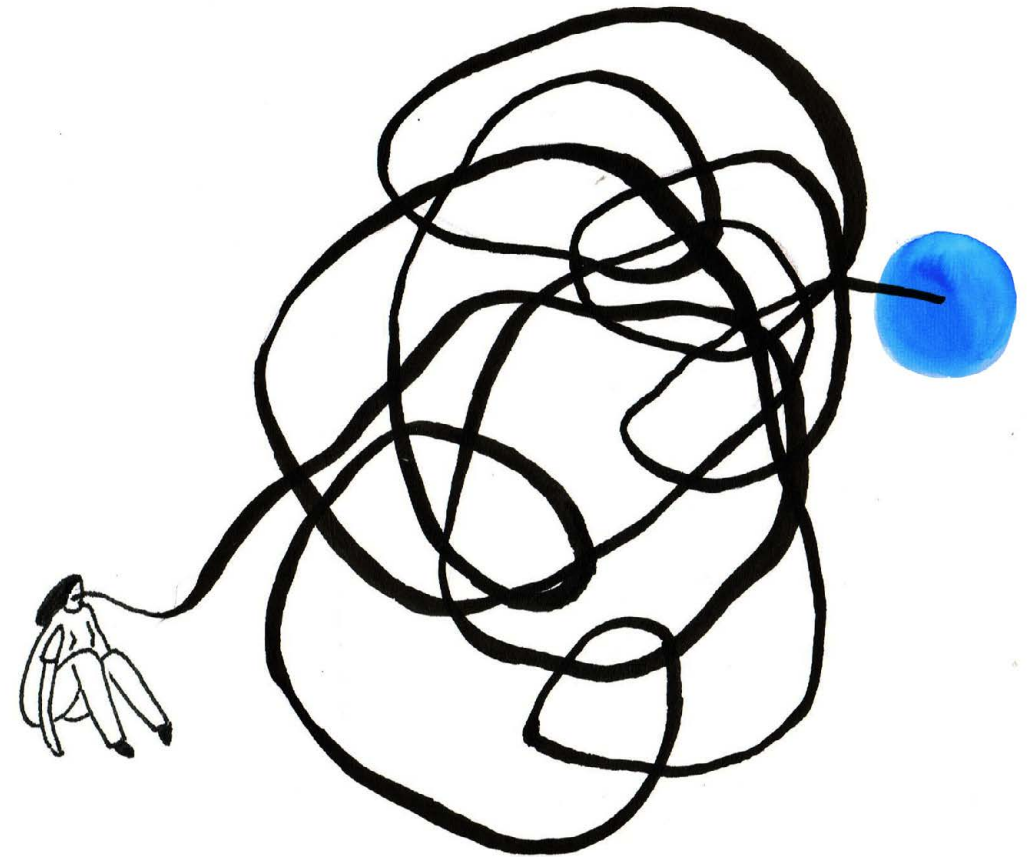
Noemi

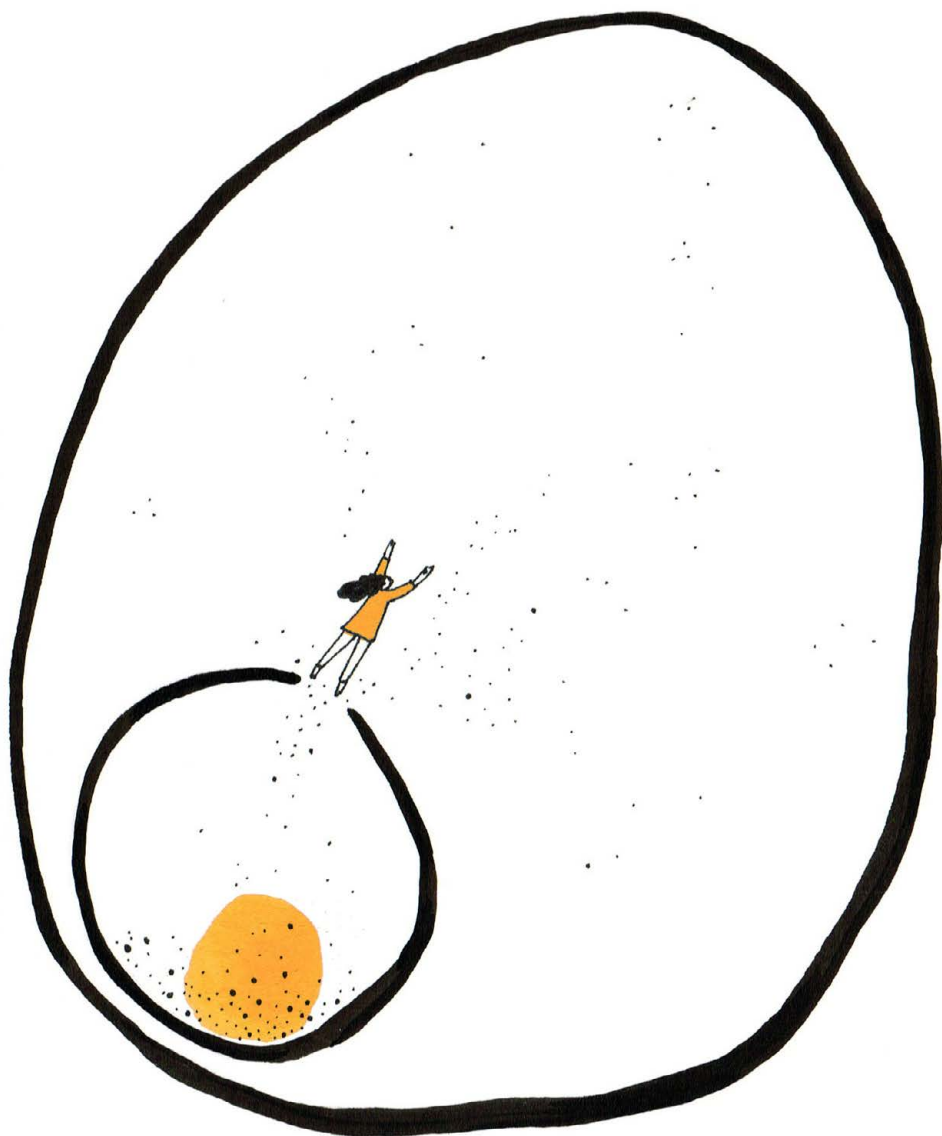
O papel é meu amigo, não pra desabafos, mas de me ajudar a exprimir o que não consigo falar a alguém. Minha forma de desabafo mesmo é pela música, canto o que sinto. Se quer saber o que se passa dentro de mim, preste atenção no que estou cantando e irá saber.

Você me disse algo sobre ter uma carreira, viajar, e uma família. Você quer? Eu não sei ainda se quero, ainda estou procurando o sentido da minha vida. Acredito que estamos aqui para algo além do que seguir o certo, crescer, estudar, casar, ter filhos e morrer, pelo menos eu quero mais. Não sei ainda o quê, mas vou descobrir.

E você, o que acha que cada um veio fazer nesse mundo? Só crescer, estudar, casar, ter filhos e morrer? Ou temos algo mais a fazer aqui?

Cora





Debora,

Você chama esse lugar de reformatório. Se você quer honestidade, então não use esse nome. O significado de reformatório é estabelecimento destinado a regenerar por meio da educação e, sinceramente, poucos aqui estão interessados na nossa regeneração. A maioria só está aqui para ter o que receber no final do mês, não sabem nem o que é ressocialização. Na minha opinião não se educa alguém trancando 24 horas por dia e tratando como se não merecesse respeito. Perdoe o desabafo, mas cadeia não regenera, só alimenta as cobras.

Sim, havia um grande desejo de liberdade, nem tanto física, mas espiritual. Na verdade, acho que encontrei a verdadeira liberdade dentro da prisão. Não, não chamaria esse lugar de “Terra do Esquecimento”, esquecimento é uma palavra muito forte e não estamos totalmente esquecidas. Talvez a palavra deva ser “negligenciadas”. Não sei se empreguei certo a palavra, mas espero que entenda o que eu quis lhe passar. As pessoas e o governo sabem que estamos aqui, mas não se interessam em saber o que acontece aqui na realidade. E, se ficam sabendo, acreditam que é o que merecemos, não procuram o que somos, só o que fazemos.

Cora

Isso aqui não é uma unidade de socioeducação. O nome é uma ironia para o que isso aqui realmente é, só sabe quem vive dentro desses muros. Todos os dias jornalistas passam por aqui, nos gravam falando como o projeto está mudando nossas vidas, me tiram fotos com um livro na mão e recitando poesias, sendo que na verdade só nos trazem livros quando querem gravá-los, fomos proibidas de falar para câmeras os problemas da unidade, de falta de água limpa, de falta de remédios, da violência de servidores. Vou confessar que estou meio receosa com que estou escrevendo e lhe relatando, pois uma estratégia que temos aqui é o silêncio. Abaixar a cabeça é a melhor forma de sobreviver contra os “de preto”. Ou você “adere” ao sistema ou o sistema te “adere”.

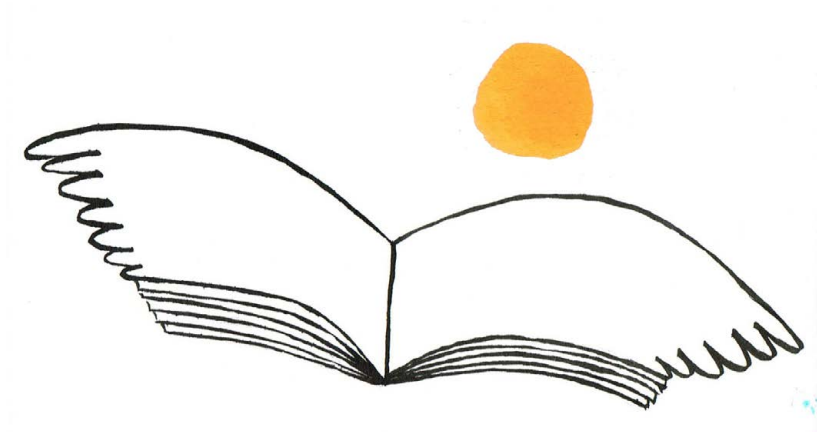
Viver aqui está sendo uma experiência amarga, mas ao mesmo tempo me fez expandir a mente, mudou minha forma de ver a vida, pois sofrimento é crescimento e purifica a alma. Estou internada desde os 16 anos, hoje já tenho 18. Me vejo como uma pessoa em processo de libertação, tanto física quanto espiritual, que está em busca do sentido de sua vida.

As meninas? Muitas vão precisar mais do que isso pra mudar. Conheço todas, mas ao mesmo tempo não conheço ninguém. Umam querem te ajudar, outros te afundar, quem é quem é difícil saber, mas também as vejo como meninas como quaisquer outras no mundo, choram, brincam, têm sonhos, enfim. Apesar dos atos que chegamos a cometer, não somos monstros, só adolescentes que às vezes só precisavam de amor dentro casa.

O que é liberdade pra você?

Cora





Eu e a literatura

Vivendo em totais exprobrações, furtivamente esgueirei-me para a literatura. Ela me estendeu as mãos, a descobri como um espelho, esse que aduz minhas mediocridades e hipocrisias. Como Guimarães Rosa ditou em *O Espelho*, descasquei-me, varri quase tudo que não me pertence e ainda estou a varrer, aprendi a ter respeito pelo sentimento alheio.

A arte me responsabilizou pelos meus atos e escolhas. Não me autocomisero, não me cabe julgar ninguém, não me ponho inferior por minhas circunstâncias. Se a dor me serve como mentora, estou a senti-la, assim evoluo.

Em meio a privações axiomáticas, tento ao menos respirar, a literatura me devolve o ar. Estando em um campo que se chama socioeducativo, nome que para mim é contraditório, a única educação que recebo sou eu que a procuro em páginas empoeiradas.

A turbamulta do outro lado dos muros não entende que há vida no paroxismo do sofrimento dentro de pequenas jaulas desfalecidas. Ao anoitecer, quando o silêncio fica quase fúnebre, penso que o mundo deveria acreditar que, sim, há contingência de futuro nesses números andrajosos com indumentárias brancas.

A literatura libertou-me muito antes de ser desalgemada. Arrancou as travas de meus olhos enquanto me mantinha em solilóquios. Colocou-me em eterna angústia mas constante erudição.

Noemi



29/5/2015 · Sexta-feira

Pensamento sem direção

As pessoas que estão lá fora dizem que cadeia regenera, que o preso vai pagar pelos erros e vai sair mudado, mas meu palpite é de que só alimenta mais o ódio. Estou num momento de reflexão e quero desabafar para este papel. Mas logo para um papel? Garanto que é melhor que pra um interno, aqui não se pode confiar em ninguém.

Será que meu passado valeu a pena? Garanto que não. Minha família chegou ao ponto de ter que se mudar de casa e cidade por causa de guerra minha, ou os polícia ia meter o pé e invadir por causa de movimento meu com o tráfico. Aprendi a não morar com a família enquanto estiver nessa vida, pois minha filha só tem três anos. Nossa, deu uma saudade do meu ex-namorado, até hoje não sai da minha mente a morte dele...

- Amor, vou comprar um cigarro.

- Tá bom, não demora.

Dez minutos depois, os parceiros dele chegam...

- Acabaram de matar o Lucão.

- Para de mentir, ele acabou de sair daqui.

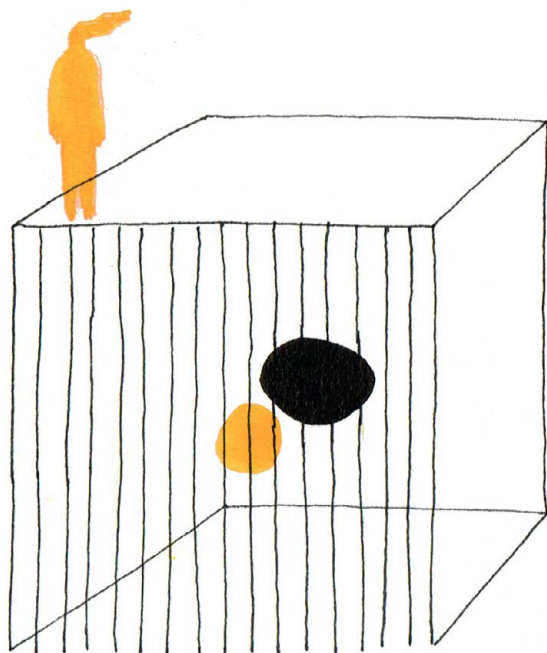
- Vai lá na esquina da distribuidora que você vai saber da verdade.

Quando cheguei lá, a cabeça dele tava estourada de bala. Passou no Balanço Geral. Nossa, foi feia a morte desse cara, se arrastando no chão, o sangue escorrendo até a cabeça explodir com o último tiro. Acredito que esteja no inferno, pois o cara era ruim. Foi uma das dores mais fortes que já senti, mais forte do que a morte do meu pai, pois quando o assassinaram eu tinha no máximo dois anos. Eu nem sabia a dor de uma perda, hoje eu sei.

Meu sonho era ter um pai, mesmo que fosse um vagabundo, só pra saber qual é a sensação. Quando mataram o Lucas, pensei em me matar, até em fumar crack pensei. Ainda bem que não sou mente fraca, até hoje meu coração sofre. Será que tem algum aqui dos internos que nunca ficou na mira dum revólver? Ou que nunca foi agredido, nem que seja por um polícia? Se tiver um ficarei surpresa!

Essa é só uma de várias decadências do meu passado. A mente tenta esquecer, mas as cicatrizes mostram que tudo um dia foi real. Eu prometi que não choro mais, mesmo sabendo que não vou resistir à dor de conhecer o amor e vê-lo se despedir.

Ana Maria



Bom, queria primeiramente agradecer a você por ajudar a todas nós, sua presença é muito importante.

Meu nome é Conceição, fui sentenciada em um latrocínio, tenho 15 anos. Nunca pensei que um dia pararia em uma cadeia. Quem me vê pensa que eu sou uma pessoa que nunca passou por nenhuma dificuldade na vida. Sim, em termos de bens materiais não passei dificuldade, sempre tive tudo que quis, mas ninguém nunca se preocupou nas minhas dificuldades na parte sentimental. Eu sofri desde criança pela falta do meu pai, que sempre que eu tentava me aproximar, ele se afastava ainda mais de mim. Fui guardando rancor dentro de mim por isso, então sempre quis chamar a atenção dele para mim, mas tudo que consegui foi afastá-lo ainda mais, e ser “enjaulada” que nem um leão.

Aos 12 anos, quase fui alvo de disparos de arma de fogo por conta de uma guerra do meu irmão. Minha sorte foi que quem ia me pegar no lugar do meu irmão era amigo de um namorado que eu tinha, e no dia o menino que eu namorava estava junto com o cara que ia efetuar os disparos.

Aos 14 anos, quase fui vítima de um estupro pelo marido da minha irmã. Eu tava passando um tempo na casa da minha irmã por conta de uma discussão com minha mãe. No dia que o ato iria se consumir, eu tinha tomado quatro comprimidos de Rivotril, eu estava em um sono muito profundo, quando senti alguma coisa chupando meu peito e tentando tirar a calça com a qual eu estava dormindo. Acordei muito assustada, sonolenta, sem dar conta de falar direito pelo efeito do remédio. Até hoje sinto meio que um nojo de mim mesma. Eu contei para minha irmã, ela falou para mim que a culpa era minha, porque eu gostava de roupas curtas e apertadas. Até hoje não tive coragem de me abrir para mais ninguém, com medo de obter a mesma resposta.

Pelos fatos que eu relatei, me encontrei em um estado de depressão e encontrei nas drogas, no tráfico e no roubo uma felicidade momentânea, que sempre acabava com o tempo. Comparando minha vida com as das meninas daqui, ela é mais “simples”.

Agora vou te contar um pouco sobre mim e sobre minha mãe. Eu e ela quase não nos dávamos bem, era muita briga. Ela tentava me proteger demais, mas ela meio que tem o papel de mãe durona, que não demonstra sentimento por ninguém. Ela sofreu em silêncio, então eu pensava que ela não gostava de mim, por sempre estar brigando comigo.

Eu pensei que minha mãe nunca iria me visitar. Meu irmão passou nove meses preso, minha mãe nunca foi nenhuma vez visitar ele. Até que eu caí aqui dentro. Se a minha mãe faltou duas visitas foi muito, ela tá aqui todo sábado. Hoje vejo que ela me ama, sempre esteve do meu lado, sempre esteve comigo. Ela é tudo para mim, se eu a perder, eu morro.

Obrigada por ler meu desabafo.

Conceição

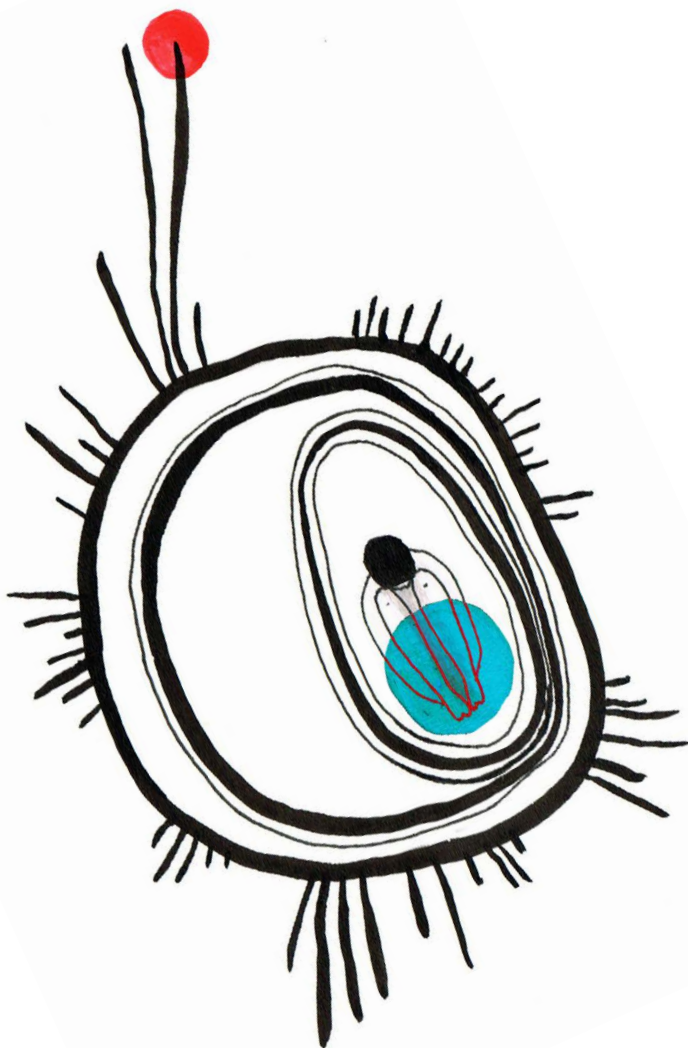


Rap Dia das Mães

Levanta cedo, às cinco horas da manhã
Vai direto pra parada pra poder pegar a van
Sacola recheada de bolo e bolacha
Sem temer o perigo da madrugada
Cansada, trabalhou a semana inteira
Pra chegar sabadão e visitar a filha na cadeia
Pagando alto preço por algo que nunca imaginava
Sua filha amada, roubando desesperada
Quantas madrugadas ajoelhou e rezou
Preocupada sem saber onde estou
Implorando a Deus pra me trazer de volta
Com vida e segurança, atravessar aquela porta
Madrugadas maldormidas, noites em claro
Seu único desejo era me ter ao seu lado
Cadê os parceiros? Cadê os aliados?
Quando tava por cima era todo mundo lado a lado
Agora que eu caí é que fui acordar
Que aliada é só quem vem me visitar
Mãe, desculpa por me ver algemada dentro da viatura
Eu pude ver suas lágrimas que não voltam mais
Quantas vezes me avisou, muitas vezes me dizia
Acorda menina! Quem te ama é tua família!
Guerreira sofredora, passava horas do dia
Limpendo a casa da patroa
Querendo me dar a melhor condição
Sonhando com o diploma
Mas acabei com o oitão na mão
Sei que te magoei e que te fiz chorar
Agora é fase, só me resta esperar
Perdoa-me por ter que te receber nesse lugar
Pela humilhação que estou te fazendo passar
Obrigada, mãe, pela sua visita
Parceira, aliada, minha eterna rainha

Maria

21/6/2015 ·
Domingo



Debora,

Como eu sempre falo, a sua gratidão não tem tamanho e nem preço. Pois eu fiquei muito feliz de você ter vindo primeiro ver nós, eu te agradeço por tudo. Bom, vamos lá. Na segunda vez que fui usar crack, não consegui mais parar de usar. Fui escravizada por ele, quanto mais eu via mais eu queria. Vou te falar como usar, é simples. Pega uma latinha de cerveja, fura ela, põe cinza de cigarro e põe a pedra em cima da cinza. Aí acende e tem muitos tipos de usar. Minha lombra era ter medo de tudo, ficava na paranoia do pânico, qualquer barulhinho eu tinha medo.

Eu fazia de tudo para poder conseguir a droga. Vendia minhas roupas novas que a minha mãe comprava, às vezes eu roubava, ou então me prostituía

para poder consumir a droga. Eu me lembro do dia que eu caí na pedra. Foi na casa do meu ex-marido, pois ele tinha sido preso, aí no quintal eu e a mãe dele desenterramos a droga pra vender. E aí eu experimentei todas as noites escondida. Eu tinha 15 anos. O meu sonho era ser feliz sem drogas, reconstruir tudo de novo do zero, esquecer o passado que foi muito ruim pra mim.

Quando eu tinha 17 anos, já estava começando a roubar. Eu rodei com um parceiro meu que já morreu, ele não teve um bom final. Depois dessa tentativa de latrocínio, os canas começou a me procurar, foi difícil me pegarem, mas depois de três semanas eles conseguiram. Aí eles me levaram para o NAI e desci pro Cajé. Fiquei 28 dias lá. Na minha primeira audiência, eles me liberaram. Algumas meninas aqui eu já tinha visto lá no Cajé, a Clarice e a Cristiane. No começo tive muita abstinência, não conseguia dormir de noite, tinha insônia, depressão, que aliás me fez muito bem esse tempo aqui, eu agradeço muito a Deus.

O que mais sonho aqui dentro é com minha família. Fazendo diferente, trabalhando e estudando. Às vezes eu acho que Deus está me passando por uma prova cheia de barreiras e obstáculos, pois no final vou ter a minha sonhada vitória que sempre desejei.

Pois infelizmente o meu ex-marido, não pretendo voltar pra ele mais não, sinto que se isso acontecer ele irá acabar com a minha vida. Eu ainda tive algumas notícias dele, que ele está saindo de saidão, pois eu desejo tudo de bem pra ele.

Então é isso, Debora. Eu me sinto muito bem te respondendo, se precisar é toda hora. Beijos.

Alice

“Não importa se você está longe ou perto O que importa é que você exista para que eu possa sentir sua falta.”

“Nunca cruze os braços diante de uma dificuldade pois o maior homem do mundo morreu de braços abertos: Jesus Cristo.”

7/7/2015 · Terça-feira

Oi, Debora, como você está? Espero que esteja ótima. Fique sabendo que eu gosto muito de você, você é uma pessoa muito boa.

Eu queria um pouco da sua ajuda, não sei se você pode ajudar. Eu queria participar da UnB, muito mesmo. Ia ser a melhor coisa se isso acontecesse. Eu vou dar muito valor sim se isso fosse acontecer. Por favor, você pode fazer isso por mim, espero o tempo que for. Eu tenho 17 anos, vou fazer 18 anos em 01/02.

Eu me arrependo muito de tudo que eu já fiz, eu quero voltar atrás pra fazer tudo diferente, sou muito arrependida mesmo. O que eu mais quero hoje é terminar meus estudos e fazer uma faculdade de direito, e ser uma pessoa muito boa.

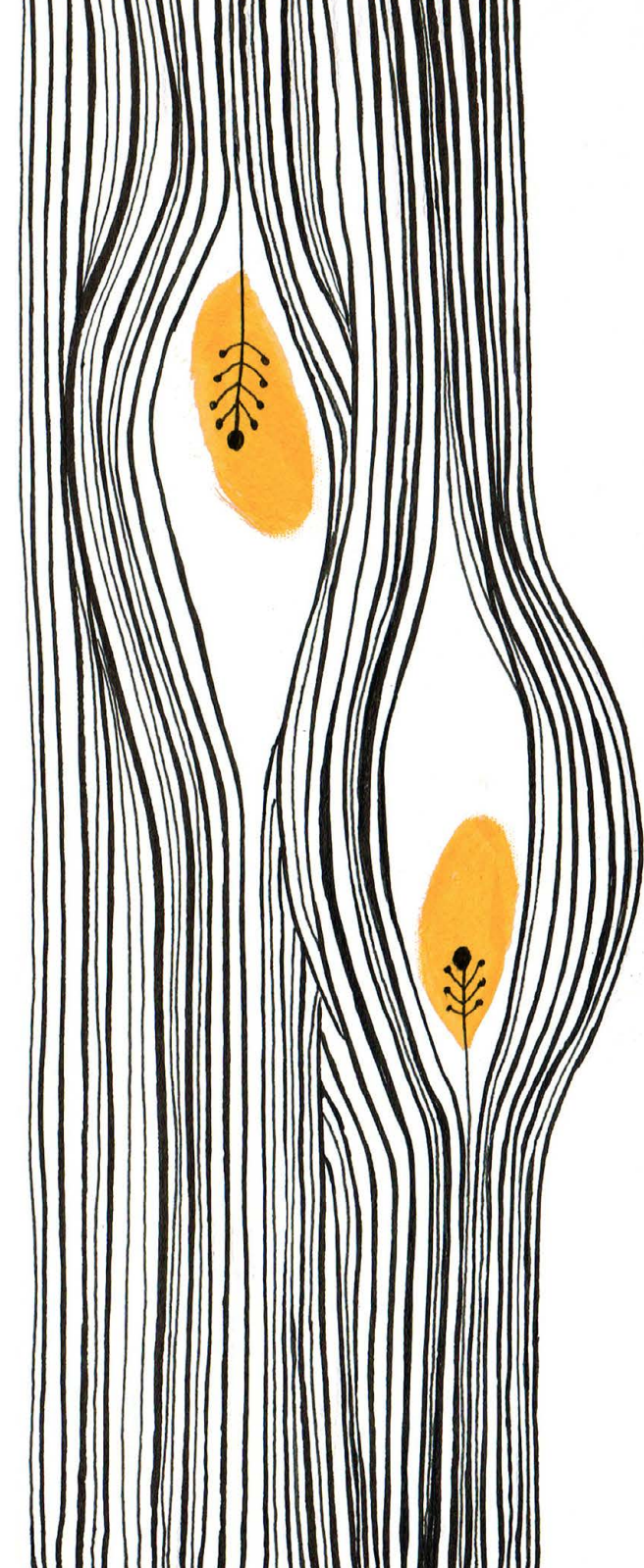
Eu acredito em você, tá! Eu confio em quem você confia. Prefiro a verdade que dói do que a mentira que machuca...

Eu quero te falar um pouco da minha vida, sobre os crimes que eu já cometi. Eu entrei nessa vida porque minha mãe me batia muito. Ela arrumou um marido que só sabia me bater muito, ele batia nos meus irmãos, eu ficava vendo isso e ficava revoltada com isso. Com 12 anos eu fugi de casa, meu irmão fugiu também e foi bater à porta da casa da vizinha, todo mancando e todo roxo. A vizinha ligou pra polícia e meu irmão foi parar no abrigo. Ele apanhou de cabo de vassoura! Eu fui ficando muito triste por causa disso. Eu comecei a fumar maconha e a roubar na rua. Eu falava pra minha mãe que eu ia para a escola e não botava os pés nem na porta da escola. Eu ia pra casa das minhas colegas, elas me chamavam pra roubar e eu ia.

Até que um dia minha mãe conseguiu a guarda do meu irmão de volta. Ele foi estuprado no abrigo, aí minha mãe foi lá e entrou na justiça pra pegar a guarda dele de volta. Aí teve audiência e ela conseguiu a guarda de volta! Eu não fui parar no abrigo porque eu não fugi de casa nesse dia! O meu irmão, hoje ele tem 15 anos, quando ele foi pro abrigo ele tinha 11 anos. Quando ele voltou pra casa, ele começou a roubar comigo. Aí eu e ele fomos presos em flagrante. Ele ficou no Cajá e eu fiquei no Ciago. Eu tinha 14 anos, ele tinha 13 anos. Aí eu e ele ficamos 27 dias presos, na primeira audiência nós dois saímos de liberdade assistida, enfim.

Beijo, meu amor, fica com Deus.

Lygia





A última vez que eu chorei foi em uma tarde de sábado, após a visita, porque minha mãe mais uma vez não veio me visitar. Não sei como começar a falar desse assunto, mas vou me expressar de forma mais clara para você entender um pouco.

Eu morava com meu pai e minha mãe, eles conviveram juntos até os meus 6 anos. Até que chegaram a se separar, meu pai veio morar aqui em Santa Maria e minha mãe continuou no Recanto. Ela arrumou um marido com o qual eu não me dava bem, ele chegou a me bater uma vez, e aí meu pai deu umas facadas nele. Desse dia em diante fui morar com meu pai. Meu pai não ficou preso, foi em legítima defesa. Fiquei morando com meu pai dos meus 7 anos até os 12. Nesse tempo minha mãe sempre foi ausente, nunca quis saber de mim, só as vezes, muito raramente, que eu e ela nos víamos. E quando isso acontecia era porque eu ia atrás dela.

Sempre foi o meu pai que cuidou e cuida de mim, que me ajuda a superar a ausência da minha mãe. Meu pai é um homem rígido, não deixava eu ter amizades nem sair, ele me prendia totalmente. Até que um dia fui passar um final de semana na casa da minha mãe, aí percebi que lá era tudo liberado, posso fazer o que eu quiser. Então resolvi morar com ela, aí larguei os estudos, comecei a sair sem ter hora para voltar. Fui abusada dentro da casa da minha mãe pelo ex-marido dela, pai de dois irmãos meus. Conte pra ela e não acreditou em mim.

Eu e minha mãe temos uma relação como duas desconhecidas. Fico triste por isso, mas eu a amo do mesmo jeito. É com muitas lágrimas escorrendo em meu rosto que lhe conto essa pequena história da minha vida que me deixa abalada, pois já faz um mês que eu não a vejo.

Sempre sonhei em ser mãe, pois quero dar todo o amor de mãe que eu não tive. Eu estou muito feliz com a vinda da minha Sofia Valentina, pois mesmo sem conhecê-la eu já a amo incondicionalmente.

Cristiane

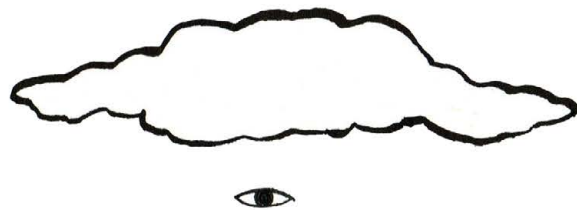


Rap Dia de visita 1

O portão se fecha, a lágrima cai
Chora não, mãe, nós vai ficar em paz
Quantas vezes na internação
Minha mãe me visitou
No sábado, bolacha, cigarro nunca faltou
Vinha às oito da manhã, sacola pesada
Para ser revistada pelas agentes na entrada
Passava três, cinco dias sem ir em casa
Agora que estou aqui, estou sentindo falta
Quantas vezes minha mãe me aconselhou
A sair daquela vida, nunca te escutei
Aí, mãe, te peço perdão, pela humilhação
De ser revistada na entrada
Chegava louca em casa, nunca te dei atenção
Agora no sistema, te peço perdão
Nunca dei valor no seu sofrimento
Agora estou aqui, no lamento
Aqui não é Thiagão e nem Racionais
Aqui é As Conduta mandando um rap pela paz
Sinto uma grande vontade de chorar
Ao ver a minha mãe aqui nesse lugar
Mais uma lágrima cai vendo você ir embora
Aí, mãe, fica bem lá fora

As Conduta

28/7/2015 · Terça-feira

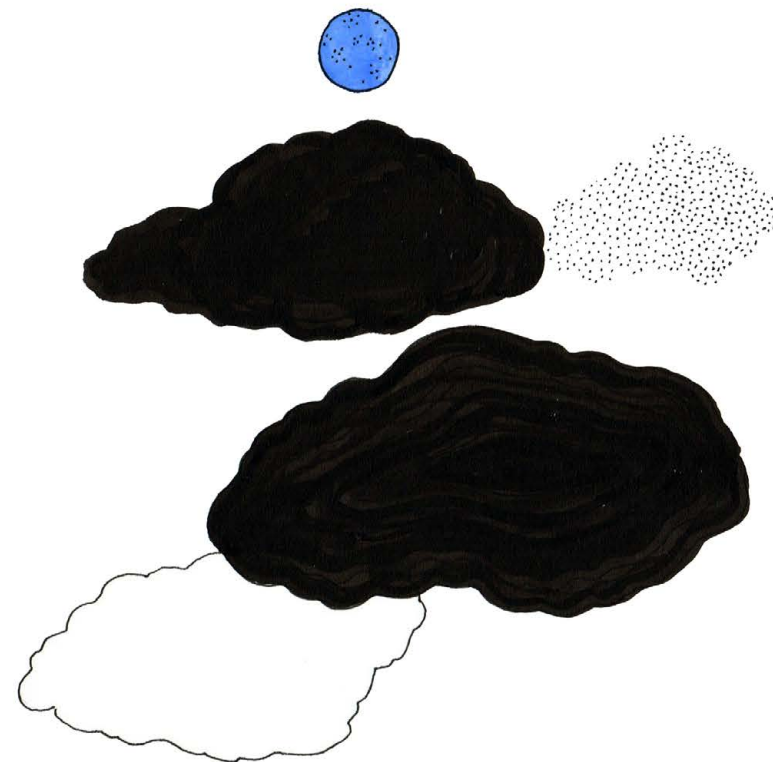


Debora,

Sabe, hoje eu saí pro corre, uma das vantagens de sair pra limpeza é poder ver a lua por alguns segundos. Hoje tive minha chance de vê-la, não só ela, mas as estrelas também. Olho pro céu e vejo aquela bola de porcelana branca lá em cima, e aquele azul bem escuro com pontinhos brilhantes que completam a imagem que tanto gosto. Quando paro para vê-la, penso em tudo o que pode estar acontecendo embaixo desse mesmo céu, enquanto eu estou aqui com a minha “sombra”, indo jogar o lixo pra poder voltar pra tranca. E nisso também me pergunto a que ponto eu cheguei: até admirar as estrelas me é restringido. É a hora que mais me dá tristeza e nostalgia. Nenhum momento do dia me afeta, só quando olho o céu à noite que me traz uma grande dor. Não sei explicar que dor é essa e nem por que só vem quando a lua aparece, mas é nela que mais me sinto deslocada e presa.

Por breve instante sinto o toque gelado das algemas em meus braços, seguido pelos estalos delas travando, as botas pesadas das “nossas sombras” indo contra o chão atrás de mim, o som do enorme ferrolho batendo no ferro da porta, e por último o único estalo do cadeado se fechando. São os sons que nessa hora me vêm ao ouvido, e também são os sons que vão me fazer lembrar. Acredito que quando ganhar a liberdade, pode passar o tempo que for, eu irei estar andando na rua ou simplesmente em casa, quando ouvir sons parecidos irei parar um instante e me lembrar daqui, e segundos depois balançarei a cabeça, jogarei a lembrança para o lado e continuarei o que estava fazendo e, principalmente, continuarei minha vida.

Hoje tivemos banho de sol no pátio externo. Eu deitei e observei o céu da tarde, pensei nas grades que me impediam de vê-lo totalmente, na câmera de segurança que vinha compor meu campo de visão. Nisso

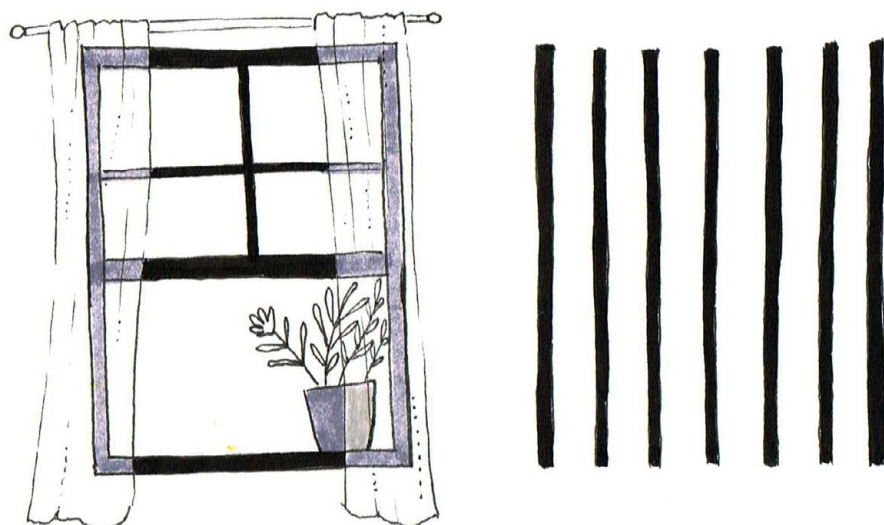


me pediram para falar das formas que estava vendo nas nuvens, elas falavam que estavam vendo várias coisas. Então parei, observei e tentei imaginar algo nelas, mas não consegui. Isso me intrigou, será que não existe nem um pouco de imaginação de uma criança no meu olhar? Será que esse lugar sugou toda a inocência que existia dentro de mim? Será que perdi até aquela criança interior que dizem que todos têm? Pode ser que eu esteja exagerando, que foi só falta de concentração.

Não sei o que me impulsionou te escrever hoje, só sei que senti muita vontade de “falar” contigo. Te escrever e imaginar você lendo é uma forma de liberdade para mim, não me liberta fisicamente, mas tira um pouco das correntes da minha imaginação e, em especial, do meu coração.

Beijos,

Cora



Debora, muitos acham que eu estou querendo chamar atenção, ninguém sabe o que eu estou passando. Apenas meus olhos castanhos e oblíquos brilhavam com um sorriso ou se umedeciam com a tristeza, dizem que os olhos são as janelas da alma.

Passa tanta coisa errada pela minha cabeça. Acho que o título da minha vida é “contos do crime”. Eu sinto uma frieza, uma amargura, às vezes fico sem sentido para viver. Penso que sou “apenas” mais um problema pra minha mãe.

Te escrevo esta carta com muitas lágrimas no rosto e desprezo no coração. Eu quero mudar, mas o mundo me ensinou a ser assim. As drogas me destruíram e destruíram minha família. Eu procuro forças dentro de mim pra lutar contra o que eu sinto, mas aí vêm as lembranças do passado que me derrubam.

Quando me levanto, não vejo a hora de ir embora, conquistar minha liberdade e ser feliz, mas, enquanto estou aqui, tenho minha visita dia de sábado, minha mãe vem desabafar o sofrimento dela comigo. Eu abraço e digo que eu a amo, ela vai embora e eu volto pro lugar de quatro paredes onde só tem grade. Aí a realidade vem e eu começo a chorar.

Estou cansada disso aqui. Queria muito ir embora. Respiro fundo, uma hora isso vai acabar.

Angélica



Neste lugar eu aprendi a me conhecer melhor, aprendi a entender meus desejos da alma, e não somente do corpo. Aprendi a enxergar além do que os olhos podem ver, e me avistei no futuro, levando uma vida diferente e feliz. Pude-me ver em belíssimas paisagens, que só existem em meus devaneios. Enxergar além dos olhos é o mesmo que enxergar os desejos da alma. Você simplesmente se entrega ao mais íntimo sentimento, e vai deixando ele tomar conta do seu ser, até chegar o momento que você se sente feliz, mesmo que seja apenas sonhando. Os desejos do corpo são superficiais, eles nos trazem alegrias efêmeras. Por isso estamos sempre querendo mais, porque esses desejos não são das profundezas da nossa alma.

Recuperei os meus sonhos perdidos, que eu já nem sabia que existiam dentro de mim. Agora sonho em entrar na UnB no começo do ano que vem e cursar a faculdade de turismo, sonho em fazer um concurso público, logo após sair deste lugar.

Quando eu estiver estudando vou precisar de um trabalho leve, para conseguir suportar a carga, que não será nada fácil. Também sonho em levar conforto para minha casa e dar aos meus irmãos tudo o que eu não tive. Quero fazer da minha casa um ambiente aconchegante e feliz. Antes tudo isso era um sonho distante e impossível, mas agora é um sonho próximo e real.

Agora posso enxergar o quanto eu era tola, eu vivia em um mundinho minúsculo, não tinha objetivos, vivia em uma rotina miserável e não enxergava isso. Quando olho pra trás, vejo tanta coisa que podia ter feito e não fiz. Eu não sabia aproveitar a minha juventude, apesar de o dinheiro ser sujo, eu nem sabia como administrá-lo.

O meu mundinho era composto por Clarice, Gabriela e Bruno. Éramos nós três, todos os dias, no tráfico de drogas. O nosso combustível era maconha, passávamos o dia inteiro na praça da minha quebrada, vendendo pedra e jogando conversa fora. De vez em quando íamos a festas, mas lá a gente se drogava principalmente com cocaína. No dia seguinte eu sentia os efeitos colaterais, a depressão era severa, parece que a vida não tinha sentido, dava até vontade de morrer. Não quero mais isso pra minha vida, graças a Deus consegui ampliar o meu mundo. Deixei minha mente se expandir e agora consigo ver novos horizontes.

Isso aqui não é uma escola, é uma prisão. Se aprendi algo foi com o silêncio, a espera e o medo. O sofrimento dói, mas também nos faz amadurecer. E o aprendizado que eu adquiri me deixou mais forte, para enfrentar os obstáculos que virão pela frente.

Dizem que aprendemos com os erros dos outros, mas aprendemos bem mais com os nossos próprios erros.

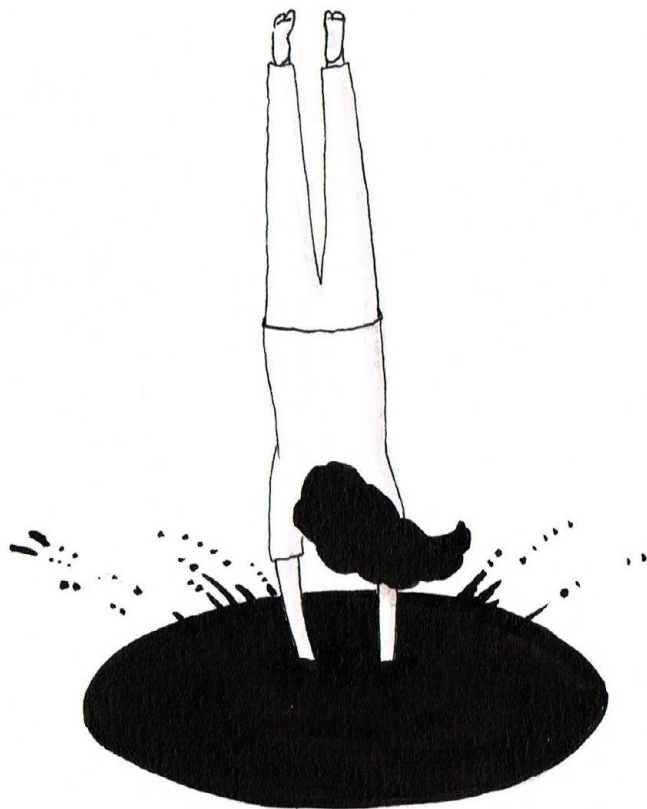
Clarice



Não me conformo com a minha sentença. A minha audiência foi no dia 18 de novembro de 2014, eu já sabia que eu ia ficar sentenciada. Mas, quando eu recebi a sentença, eu fiquei muito nervosa e comecei a tremer e a chorar. Eu falei que não ia assinar nada e fui correndo pra um lugar que era muito alto. Eu ia pular de lá. Mas as donagentes me pegaram, foi muito rápido. Eu fiz isso porque eu não queria aceitar essa sentença. Quando cheguei na M6, eu me enforquei com minhas próprias roupas. Quando as donagentes foram no quarto, eu já estava desmaiada, acordei com as agentes me batendo no rosto pra me acordar, já estava saindo sangue da minha boca.

Mas depois de uns dias eu já fui me conformando com isso. Hoje eu já aceito isso, eu sei que eu errei e tenho que pagar por isso, né. A verdade é que hoje eu já estou mais calma. Quando eu cheguei na M7, eu fiquei muito triste, tentei me matar de novo e não consegui de novo. Aí as donagentes me deixaram sem nada dentro do quarto, eu fui me cortando com minha própria unhas, eu fui me cortando todos os dias. Aí as donagentes me levaram pro Caps e eu hoje já parei de fazer isso comigo. Hoje eu já me conformo com essa sentença.

Lygia



Viver aqui na UISM é desagradável, aqui você vive de acordo com as regras. Na parte da manhã eu vou para a escola, à tarde tenho banho de sol de 1 hora e 30 minutos.

Pra não virar “esparro” em “seguro”, você precisa se fingir de cega, surda e muda. “O que acontece no módulo fica no módulo.” Você tem que aprender a conviver com pessoas com as quais você não vai com a cara, pessoas falsas, ignorantes, e pessoas que se acham melhor que você. Tem pessoas aqui que eu tenho nojo, são pessoas que já está na cara que vão voltar a usar droga, pessoas que se acham muito bandidas, que acreditam ter peito de aço, pessoas rudes sem escrúpulos, que não respeitam nem a própria família.

Mas, enfim, tirando isso, aqui é um lugar “tranquilo”. Acredito que uma parte das meninas que estão aqui querem se regenerar, querem progredir, e não regredir, mas acredito que algumas ainda voltarão para cá.

Sim, Debora, eu tenho 15 anos, farei 16 no dia 11 de outubro. A vida aqui dentro é um aprendizado, me faz ver que os erros dos quais eu sustentava eram erros que cada vez mais ia me levando para o fundo.

No começo é as mil maravilhas, dinheiro fácil, fama, “a vida dos sonhos”, mas depois eu vi que não era bem assim. Mas eu tenho que agradecer um pouco a esse dinheiro fácil, foi ele que me tirou da decadência que eu e minha mãe estávamos entrando, não me orgulho do que eu fazia, mas foi a maneira que eu encontrei.

Hoje minha mãe sofre, dois filhos que escolheram isso para si próprios. A gente que tá nessa vida sabe que é 50% de chance de dar certo e 50% de chance de dar errado. Você está sujeito a tudo, desde uma cadeira a uma cadeira de rodas ou a morte, ou então acabar matando também.

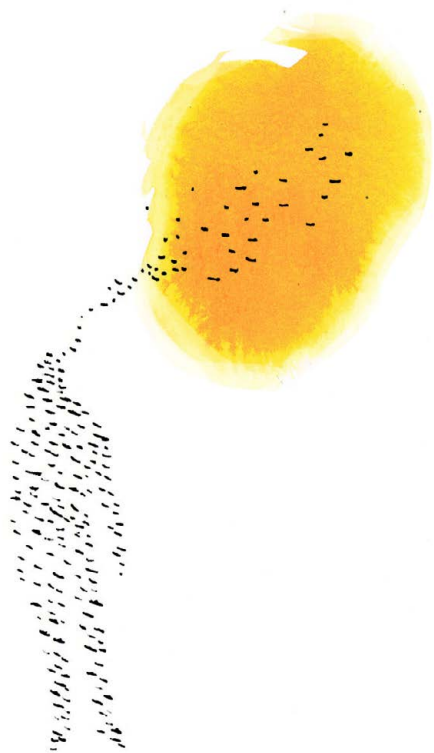
Acredito que somos o que sonhamos, e meu sonho é ser jornalista ou trabalhar com comunicação visual. Quero esquecer essa fase da minha vida, ser uma nova pessoa com pensamentos diferentes.

Debora, meu irmão saiu do galpão, agora ele está em prisão domiciliar, ele vai assinar um mês sim outro não na VEC.

Por aqui eu fico.

Um beijo,

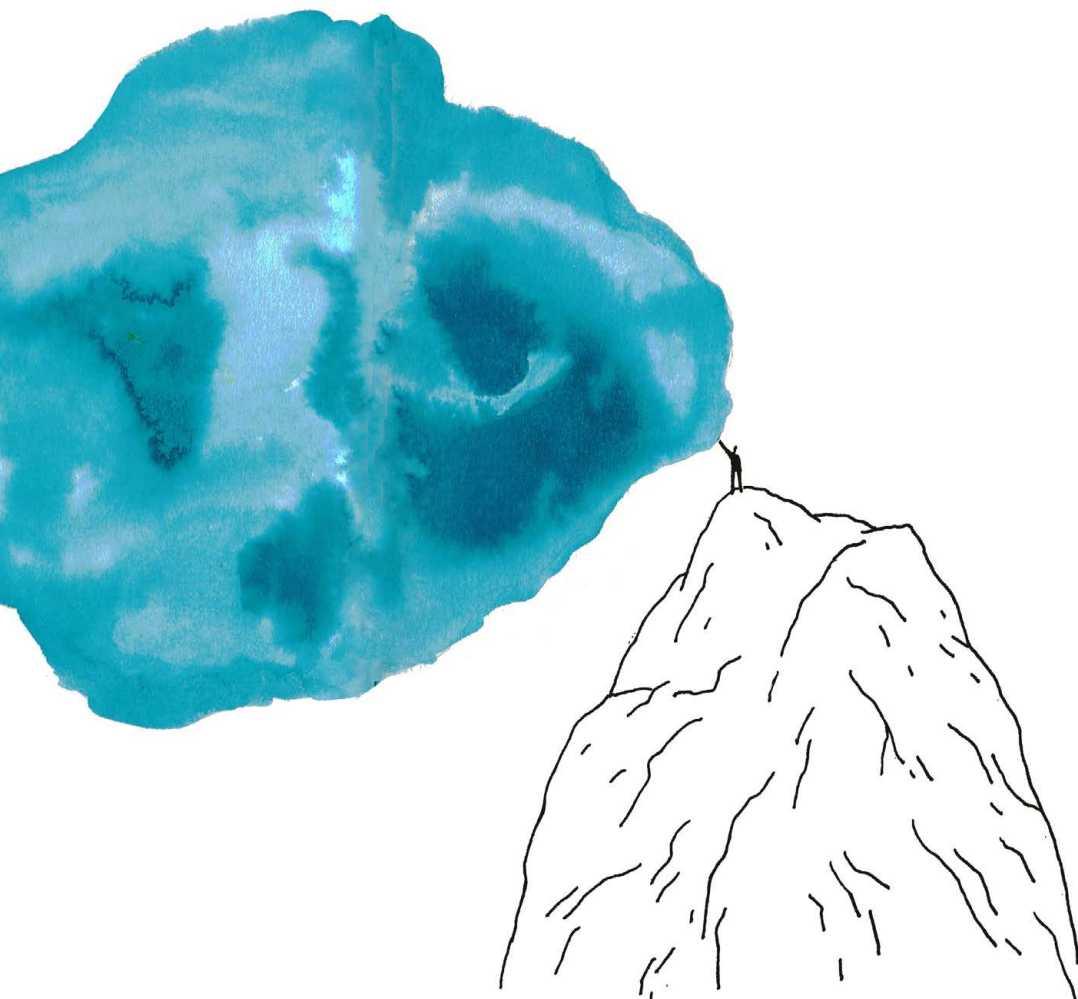
Conceição



Nem mãe e nem pai

Eu não tenho mãe nem pai e isso
É como se eu não existisse
Eu fico me perguntando se eu nasci
Será que seria a mesma coisa ou é porque
Eu sou louca fico olhando e imaginando
Será que estou pirando

Elisa



Olá, Debora, antes de tudo responderei algumas perguntas que você havia me feito na carta. Primeiramente, saber onde minha avó está é mais fácil porque convivi com ela um bom tempo de minha vida. Agora saber onde você está é bem difícil porque você é uma mulher que viaja para vários lugares a trabalho, e pelo o fato de eu não a conhecer lá fora fica bem complicado “adivinhar” onde a madame se encontra (risos). Para mim sua vida é bem corrida, imagino que você não tenha tempo suficiente nem para comer direito, mas quando tem um espaço vago em sua “rotina” você pega o beco para se divertir; viajar, brincar em parques, sei lá, curtir um piquenique. É isso que acho em relação a sua vida.

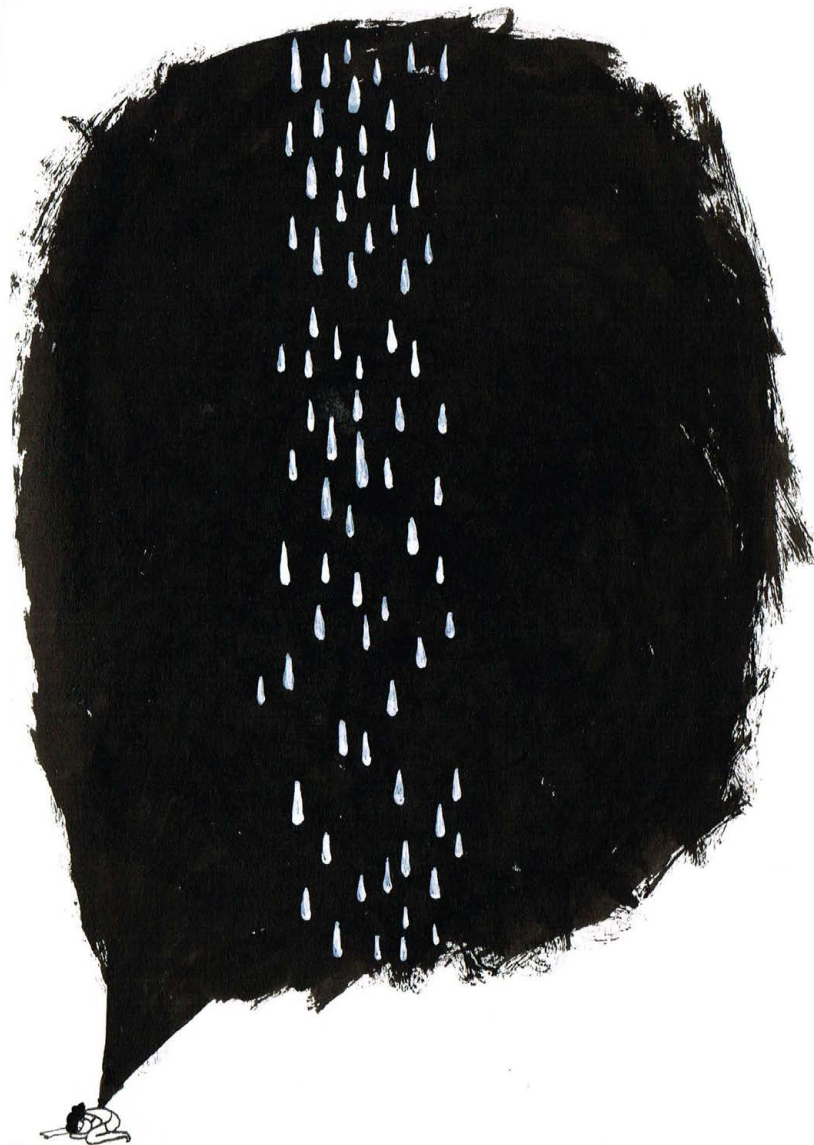
Realmente o futuro é fora daqui. E não é apenas dias, e sim cada segundo de vida. Sabe, D., gosto de diferenciar planos e sonhos, porque planos nós podemos fazer com outras pessoas e sonhos são só da gente. Li em uma frase que o poeta dizia assim: os sonhos não morrem, apenas envelhecem. E para mim os planos sempre mudam de rumos, mas os sonhos permanecem, apenas são acrescentados de outros. Não sei por onde começar a contar sobre meus sonhos, mas por carta vejo que não é a melhor forma, por isso deixarei quando estivermos olho no olho.

Sabe, D., é muito complicado viver com esse nome João, porque já havia me acostumado com Karen, pois é muito tempo. Mas gosto de João. Sabe, não acho meu corpo novo, ele permanece o mesmo, só não acho que combina sutiã e cueca. Isso sim é bem estranho. Sabe, ser Karen e João não mudou em nada, só acho que o que sou agora faz com que eu me sinta melhor.

Teve um dia lá no Ciago que a Jarid escolheu este nome para mim. Eu já havia visto ele antes e achei muito bonito. Aí, quando a Jarid me deu este nome, achei divertido na hora, daí foi quando levei a sério. Quando me apresentei por João a primeira vez eu estava “charlatando” uma garota, aí eu disse: prazer, gatinha, meu nome é João, mas pode me chamar de Joãozinho. Aí eu falei isso pra Jarid e caímos na risada. Foi isso.

Beijo,

João



A Tentação

A tentação de me cortar é mais forte
Que eu, diante dela eu sou uma fraca
Me deixo levar pela forte vontade
De ver o sangue, de sentir a dor
De sentir o prazer. Sou fraca porque
Na luta eu perdi e me cortei

Não me sinto bem pois ninguém nesse lugar me entende. Me sinto fraca pois essa é minha primeira internação e fiquei sentenciada. Minha família precisa de mim, pois eu usava heroína. Não é nada fácil ter que lutar contra as tentações, saber dos problemas familiares e não poder fazer nada, pois sinto vontade de morrer, de explodir. Sei lá o que podia melhorar. Acho que ainda não encontrei resposta pra isso.

Angélica

13/9/2015 · Domingo

Olá, Debora,

Acho que não escrevi a carta direito pois ficou mal-entendido, vamos começar de novo?! Então, minha querida, sim, foi a primeira vez que fiz um 157. Nunca tinha roubado ninguém, nunca tinha imaginado fazer uma coisa dessa. Hoje posso falar que essa vida de revólver na mão não é comigo, não. Então, estou cumprindo medida socioeducativa há um ano e oito meses. Tive uma saída no natal, foi com essa saída que não voltei mais, até eu virar mulher de verdade e assumir meus atos. E, sim, estou aqui por MBA, fui na delegacia e me entreguei. Hoje estou aqui assumindo o ato que fiz no meu passado.

Eu tenho uma filha, ela tem 3 anos e 11 meses, se chama Karine Vanessa. Ela significa tudo pra mim, a senhora sabe como é, pois também é mãe. Eu estou aqui por mim mesma, mas fui com meu marido e um “amigo” nosso. Nós inventamos de roubar por diversão, mas depois foi por vício, pois roubar é vício. Fomos roubar no Lago Sul, roubamos várias mansões de gente que tem muito dinheiro. Naquele momento uma falsa felicidade me tomava e me sentia poderosa, pois eu que tava no poder, mas tudo era ilusão.

Quando chegava a noite, percebia que era tudo uma farsa, mentira de tal felicidade que não me fazia bem quando colocava minha cabecinha no travesseiro. Olhava pra minha filha e começava a chorar, pedia desculpas a ela sem ela ouvir, mas ela sentia que estava ali ao seu lado. Eu já devia parar de fazer o que estava fazendo, mas meus caprichos tavam falando mais alto que minha razão. Então conversei com meu marido: amor, vamos parar de fazer isso, vamos cuidar da nossa filha. E ele me falou: ok, vamos parar, vamos fazer o último roubo que vai fazer nós subir de vida. Mas não fomos, conseguimos fazer que ele desistisse dessa ideia.

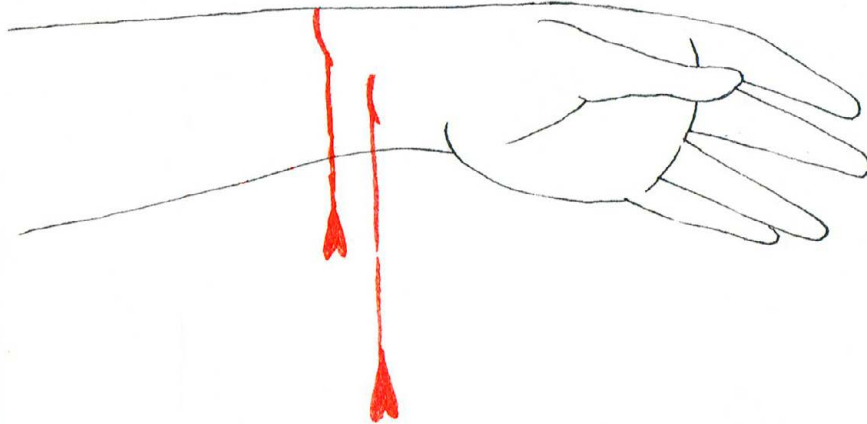
Mas o inimigo não gosta de nos ver bem e seguindo os caminhos de Deus. Aí em julho, no dia dos namorados, combinamos de sair para comemorar. Esse dia chamamos o tal “amigo” pra ir com nós, pois ele tinha um carro e nós não. Mal sabia que aquele dia ia ser nossa última saída juntos. Chegando no Lago Sul, um camburão pediu pra parar, mas o motorista não quis parar. Foi daí que descobrimos que o carro do tal “amigo” era roubado.



Aí a senhora já imagina o resto da história. Fomos pra delegacia, ficamos lá um dia. Quase íamos embora, até os policiais investigarem as evidências que tavam rolando no Lago Sul. Ligaram pra umas vítimas pra ir reconhecer se éramos nós, até que a primeira chegou e, sim, era nós, ela nos reconheceu. Fomos separados um pra cada lado. Depois de três meses reví meu marido na sua audiência, chorei muito pois tinha parado de fazer isso, e hoje tô aqui por consequências do passado...

Espero sua carta ansiosa. Muito obrigada, te aguardo!

Cecilia



Querida Debora, como você está?

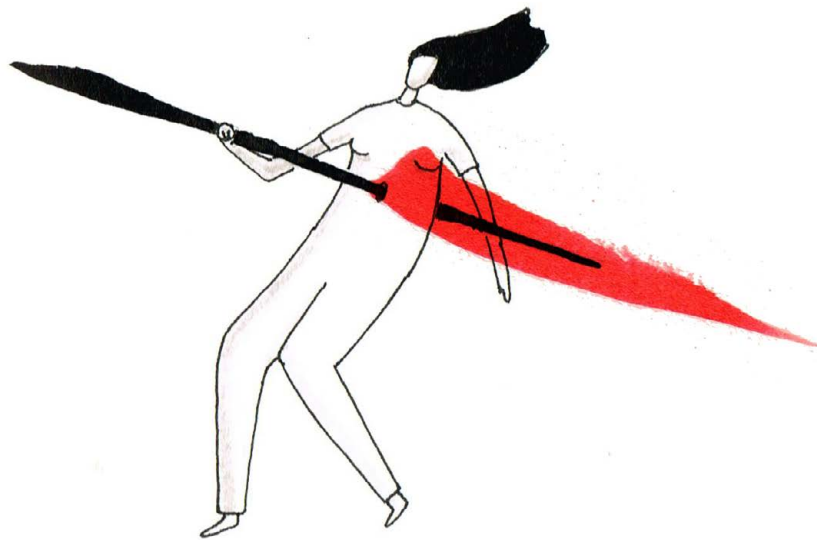
Eu espero que esteja bem. Eu quero que você saiba que nesse momento você faz parte da minha vida. Você é uma pessoa muito especial para mim, eu adoro falar sobre minhas histórias para você, porque no mesmo momento eu estou tirando um nó da minha garganta, porque eu nunca contei a minha história para nenhuma pessoa.

A primeira vez que eu caí aqui foi com 16 anos. Completei 17 anos aqui dentro. Meu pai hoje vem me ver de 15 em 15 dias. Eu vou te falar a verdade, aqui dentro passa muito devagar, é muito ruim porque eu não posso ver minha família todo dia. E ainda tem uma pessoa te controlando. Mas é bom por um lado, porque eu fico pensando no que eu ia fazer na rua e no que eu devia fazer e não fiz. Tenho sim consciência do que eu estou fazendo aqui, porque eu errei e tenho que pagar. Eu queria me matar porque eu não queria cumprir essa cadeia. Mas é melhor eu aceitar, que é menos doloroso.

Eu estava só no quarto, as agentes foram entregar o lanche e me viram assim. Infelizmente eu não tive coragem de contar para minha família, foi a gerência que ligou e falou. Quando eu me corto, eu só me acalmo quando eu vejo sangue. Quando alguma pessoa me deixa nervosa, eu falo com a psicóloga da Caps, para eu tomar remédio para não fazer mais isso!

Beijos,

Lygia



Bom, o que eu vi no jornal no dia 10/08/2015 foi o seguinte, informava sobre volta dos menores às unidades e dos maiores aos presídios. Passou a rodoviária do Plano Piloto cheia de homens vestidos de branco, e dos demais que não retornaram, entre maiores e menores. E passou na minha mente que eu poderia estar entre os que não retornaram.

Vim conversando com meu pai e meu irmão e pra me animar eles falavam o seguinte: você só vai ficar o mês de setembro empenhada, em outubro você sai de novo e vai ser é liberada. Nesse trajeto vi pessoas indo trabalhar, crianças indo pra escola. Mas, quando cheguei na entrada da Santa Maria, meu coração começou a acelerar. Não sei se era realmente o que eu queria, mas um lado de mim falava que sim, volte, e outro falava que não.

Bom, fiquei feliz com minha saída do dia dos pais. Estou aguardando pelo meu aniversário, que já veio aceito, mas essa coisa que devo esperar é tipo uma prova de resistência. Pois, quando voltei, pessoas já tentaram me atrasar, falaram coisas na minha cara que eu fiquei estourada por dentro. Não vou mentir, queria era cair pra dentro, mas me lembrei da minha mãe e do meu pai, o sofrimento que causei a eles vindo me visitar, e logo agora que estou com um pé na rua e outro aqui, paro pra pensar, não é isto que quero pra mim. Estou aqui levando na maciota, tentando obter o objetivo que quero e vou conseguir.

Maria



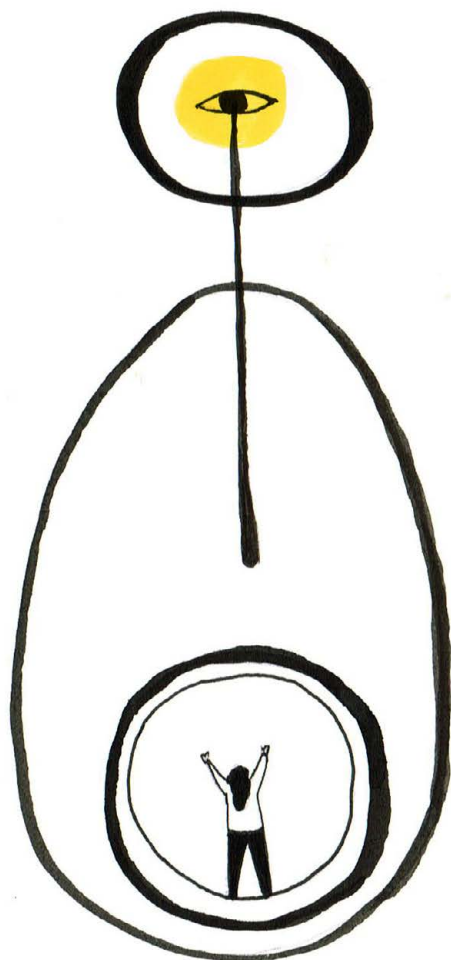
Oi, querida Debora,

Eu estou num momento tão difícil que eu não sei te explicar o que está passando agora. Eu queria muito passar o natal com minha família, mas que pena que eu vou passar presa. É muito confuso pensar assim, mas eu sei que eu não estou aqui por engano não. Deus quer que eu mude de atitude, crie mais responsabilidade. Vejo que no mundo que eu estou não vai me levar a nenhum lugar, é meio maluco!

Na rua eu já fiz isso algumas vezes, mais mas era muito difícil. Eu não sinto mais vontade de me cortar, mas foi muito depois que eu comecei a tomar os remédios! São dez e meia da manhã, eu acabei de chegar do banho de sol e agora vou tomar um banho. Depois vou ler um livro, o nome dele é *O que realmente importa*.

Beijos,

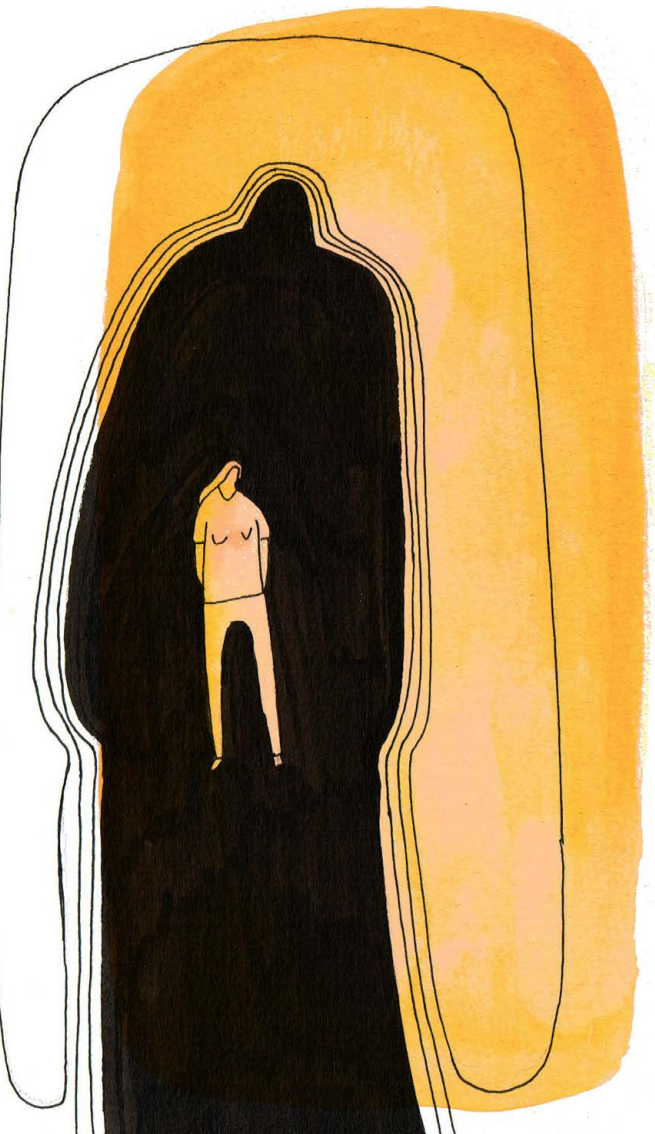
Lygia



Rap Dia de visita 2

Mãe, te amo, tá?
Obrigada por vir me visitar
Tá sempre do meu lado
Nunca me deixou faltar
Aí, tá ligada, essa vida não é pra ninguém
Por causa de uns e outros
Fui no corre das de cem
O cifrão me iludiu
Tinha sempre um semblante sorridente
Mas aí, sempre fui aí pra muita gente
A senhora tá ligada
Nunca demonstrei sentimento
Aí, quando eu sair quero ser é diferente
Dar orgulho pra senhora, pra Deus e pra muita gente

As Conduta



8/6/2015 · Segunda-feira

Essa foi minha primeira saída de sistemático. Voltei hoje e tive uma surpresa, encontrei esse caderno em cima da minha “jega”. Ele veio com uma proposta interessante, mas um desafio para mim, pois sou uma menina que nunca teve diários, e nunca fui boa com isso, mas com esse eu meu animei.

Bom, vou começar meu primeiro registro relatando como foi minha primeira saída e uma parte importante, como foi a volta pra cá. Bem, eu saí às 18h na sexta-feira. Parece que demorou um século desde que recebi a boa-nova, um sentimento de vitória me cobriu, eu pensei: “tô chegando

no final”. Levaram dois anos de espera, tive que ter paciência e sangue frio para aguentar as tentações. É interno, é agente querendo até atrasar, cabe a cada uma não dar brecha, né. É difícil, é difícil, dá vontade de jogar tudo pro alto e “tocar o foda-se” na unidade só de revolta. Mas é uma atitude inteligente, não pra quem quer ir embora, mas eu quero. Desenvolvi uma calma que hoje poucos são capazes de tirar.

Continuando, muitos querem sair e ir pra festas, aproveitar o tempo perdido com “livros”, homens, bebidas, drogas. Eu não, eu só queria chegar em casa e sentir o conforto, o sentimento de proteção que há muito tinha perdido. Aqui dentro me sinto só, como se diz aqui: cadeia é onde o filho chora e a mãe não vê. Sinto desproteção, que nada aqui é meu. E conviver com gente que não é mais inocente, que tem a maldade pura na mente, também te dá o maior mal-estar. Você fica em constante alerta, e eu queria sair um pouco desse alerta, eu queria minha paz de volta.

Você acha que saindo você esquece isso daqui? Errado, quando se tá lá fora, do nada você lembra que tem de voltar, você pensa: ah, amanhã eu tenho que voltar. Você faz tudo com pressa, como se não tivesse lá muito tempo. Eu saí com amigas, cantei, fiz compras, mas a melhor parte, coisa que me assustou, foi voltar pra casa. Pra mim eu ia querer ficar na rua, mas, pra minha surpresa, preferir estar dentro de casa. Não sei se pra alguém isso é importante, eu andei de bicicleta depois de perder quase tudo. A gente aprende a dar valor nas coisas mais insignificantes para muitos, sentir o vento no rosto, sentir que tinha espaço pra ir para onde quisesse, que não tinha mais que andar por um espaço limitado, definido não por mim, mas pelas agentes.

Eu falei no começo que a parte da volta é uma parte importante a se comentar, vou lhe explicar por quê. Quando chega a hora de voltar, milhões de pensamentos tomam conta de você, o sentimento de estar prestes a perder aquele conforto, aquele espaço limitado, vamos lá entrar em alerta de novo. Entrei em uma guerra interior, a maior parte de mim queria nunca mais voltar pra esse lugar, mas a outra me disse que é importante cumprir logo. Bem, se eu tou aqui agora escrevendo, você sabe quem tá vencendo, graças a Deus tá vencendo.

Voltei pra realidade do cárcere. Quando voltei meu primeiro pé pra dentro, gesto automático: mãos para trás, e uma “sombra” atrás de você de novo, e o sentimento de perda e solidão ao seu lado no procedimento de volta ao módulo. Bem, foi o que senti, não foi muito rico o relato, mas, como avisei, nunca fui boa com diários.

Cora



Tive minha segunda saída. Voltei hoje, bem, tirei esse final pra organizar um pouco as coisas lá fora. A cada saída eu fico mais perto da minha liberdade definitiva. Lógico que fico feliz, lutei por isso, mas também com essa felicidade vem o sentimento de medo e insegurança. Junto a família, agentes daqui, todos estão apostando alto em mim, e isso me deixa mais insegura ainda. Vou para casa e lá só ouço falar na prova do Enem que eu vou fazer, e se eu não passar? Eu quero sair e ter um tempo pra respirar, dividir o que eu espero fazer primeiro e organizar minhas ideias, mas já fizeram tantos planos pra quando eu sair que sei lá.

Agradeço muito a Deus pelo apoio familiar, coisa que muitos aqui queriam muito ter, mas essa pressão querendo que eu seja a melhor me deixa com mais medo de falhar. Ainda tem a superproteção, dá vontade de gritar que eu não sou de porcelana, que eu não sou de vidro, que não acabei de nascer e tô dando meus primeiros passos na vida. Como querem que eu cresça se não me deixam nem andar sozinha direito na rua ou escolher com quem eu gosto de estar? Respeito a vasta experiência, até concordo com vários pontos das lições que estou recebendo ultimamente, e fico grata pela preocupação, mas tenho 18 agora, quero aprender a andar e viver sozinha. Ainda mais que passei minha infância e adolescência só, sempre andei na linha, então acho que não era necessária muita atenção. Agora, que dei um passo em falso, todas as atenções se viram para mim. Você sabe que eu sempre quis um pouco de atenção da família, mas só me olhar quando eu errei?

Agora são milhões de desculpas pra lá e pra cá, mas hoje isso pra mim é uma grande bobagem, não me atinge mais. Às vezes, vou confessar, até acredito que me ajudou. Hoje meu irmão tem 20 anos e não consegue viver sozinho, dependente dela financeiramente e emocionalmente. E eu já me sinto incomodada só de pensar em depender de terceiros, eu já trabalhava e quero começar um outro logo. Ela é contra eu trabalhar, diz que pode me dar tudo o que eu preciso, que quer viver em função de mim, mas deixa isso pro meu irmão. Quero outra coisa pra mim, e ela também tem que começar a pensar em si.

Nesse final, não fiz muita coisa, saí com amigos. Mas sinto que Brasília é tão pequena, quando conseguir me estabilizar vou sair por aí de novo, não consigo mais ficar em um lugar só, quero e pertencço ao mundo.

Cora



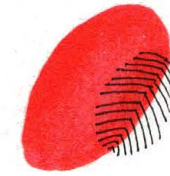
25/6/2015 · Quinta-feira

Não sei se ainda existe ódio dentro de mim, espero que não. Quero limpar meu coração desse passado que tanto me incomodou, a falta do carinho de meu pai, os abusos dentro da minha própria família, e também a falta da minha mãe que veio morar aqui primeiro e eu fiquei com as minhas avós até os 7 ou 8 anos. Mesmo assim não me considero uma pessoa que teve uma má infância, sempre fui muito bem cuidada, eu acho, muitas que passaram aqui nem família tinham. Então me considero uma pessoa de sorte por ter alguém com quem contar, por ter alguém que se importe e que me espera lá fora. Obrigada, meu Senhor.

Acho que agora você sabe quase tudo da minha vida. Nem acredito que me abri desse jeito pra alguém. Agora até eu enxergo como você é diferente e como tenho um imenso afeto por ti.

Boa noite,

Cora



20/7/2015 · Segunda-feira

Debora,

Voltei da minha última saída quinzenal hoje. Na próxima já irei entrar no semanal. Esse final foi muito cansativo, principalmente emocionalmente. Sabe, resolvi escutar meu irmão pela primeira vez depois de tudo e resolvi deixar tudo para trás, afinal ele é meu irmão e mágoas só fazem pesar mais as costas. Também fiz uma carta para minha avó que eu odiava, sabe, vou lhe mostrar quando vier. Também quero deixar esse ódio, essa raiva para trás. Eu sei que tem grande chance dela nem ligar, sei que não vai, mesmo assim meu coração pede para eu escrever. Eu resolvi contar a minha mãe que já me apaixonei por mulheres e que ainda gosto de uma, ou duas, tá tudo embaralhado. Não falei pessoalmente, deixei uma carta em casa antes de vir pra unidade, e isso me perturbou, não sei o que ela pensou. Passei até mal e fui pra enfermaria, mas depois me aliviei o coração, vou tentar conversar com ela.

Já estou saindo há dois meses, estou entrando no meu semanal, só falta cumprir agosto e esperar a liberação. Isso que me perguntou de se há dias que se pode dizer “hoje não, hoje não quero isso”, bem, talvez, é difícil, pois seguimos regras aqui, regras que se forem desacatadas pode equivaler em ocorrências, e isso é muito atraso para nós. É melhor seguir como as marionetes do sistema, enquanto estamos sob o poder de suas “cordas”.

Você me perguntou como é chorar aqui: bem, como posso descrever lágrimas? Como não posso descrever como é por todas, vou descrever por mim. Quando choro sinto desamparo, sinto que estou sozinha, que as pessoas que me amam não podem fazer nada para me ajudar, é onde penso naquela frase: lugar onde o filho chora e a mãe não vê. Chorar pode ser bom, mas sinceramente não resolve nada, então prefiro nem chorar. Só choro quando perco o controle, quando a dor não cabe no peito e acaba transbordando pelos olhos.

Bem, não estava querendo entrar nesse assunto de novo, mas volto com muita coisa na cabeça. Primeiro, uma tia foi morta queimada. Eu não senti muito, vou confessar, não a conhecia muito bem. Mas perdi a cabeça em

casa com a proposta da minha mãe em querer trazer o meu irmão pra cá e deixar o filho dele lá, em querer tirar nosso nome da criança só porque ela não gosta da mãe dele. Isso me doeu. Como assim, eu fui criada sem pai, ela viu como foi difícil, e quer deixar uma criança sozinha só porque o filhinho dela tá sofrendo com a mulher? Meu irmão briga com a mulher, liga lá em casa, minha mãe toma as dores e pede pra ele largar o filho, largar a mulher e vir embora, como assim largar filho? Ela tá louca? Eu vou e pergunto: e como fica o bebê? Ela vai e me fala: sei lá, fica com a mãe, o que me importa é o meu filhinho.

Eu surtei, Debora, eu não vou aceitar uma desumanidade dessas. É uma criança que eles querem abandonar, o meu sobrinho. Eu já estou sem um, agora o outro? Que tipo de homem é ele, que abandona os próprios filhos, e que tipo de avó é ela, que apoia abandonar os netos só pra ter o filho dentro da sua casa, para o filho ficar sob sua asa? Sinceramente, quando ouvi aquilo me tranquei dentro do banheiro e desabei de raiva. Desejei mais que tudo ir embora de casa ou voltar pra unidade. Se é pra ir pra casa e ficar observando essas coisas, então prefiro ficar aqui.

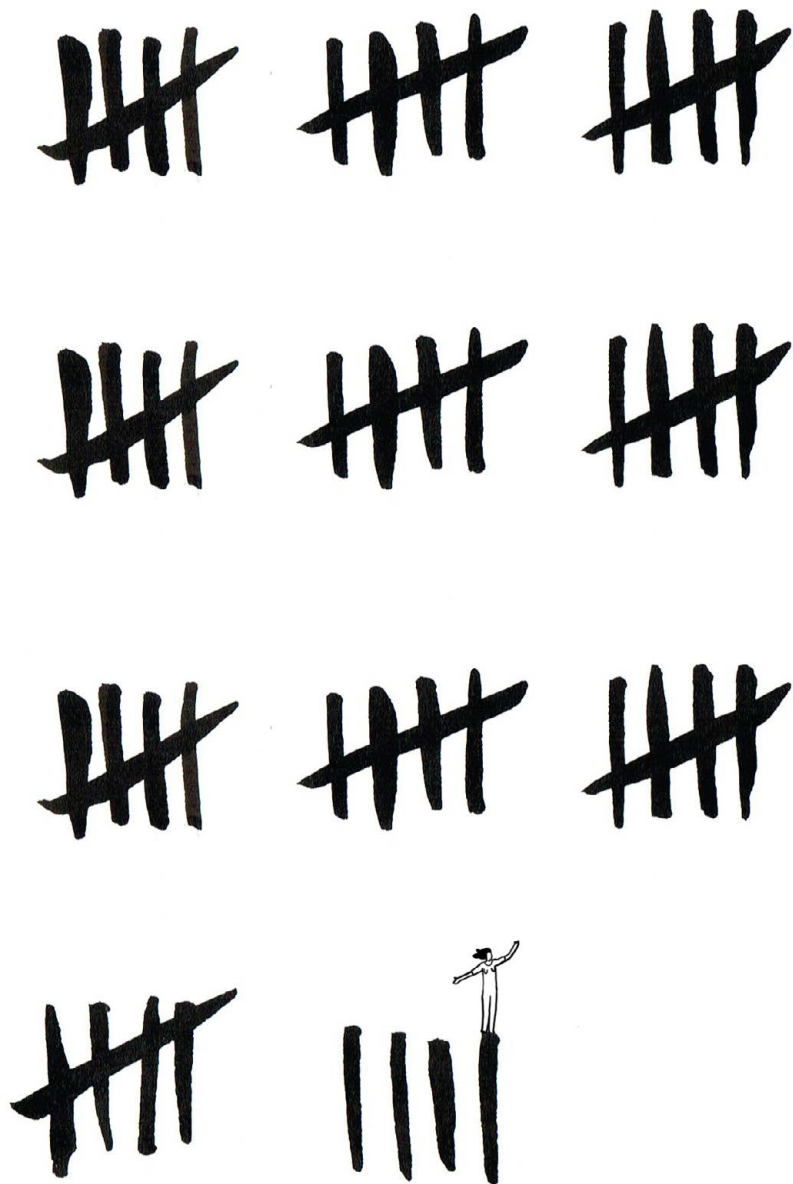
Ainda veio outra questão, eu resolvi contar sobre essa história de homossexualidade para ela, Debora, ela já sabia, mas toda vez que venho com esse assunto ela muda e não quer falar. Mas acontece que acho que estou gostando de alguém, é uma das duas que eu te contei. Na verdade, eu tô confusa, pois reencontrei as duas, agora não sei de quem gostar. Continuando, eu deixei uma carta em casa falando sobre isso. Fui covarde e não fui pessoalmente, pois sabia que ela ia se esquivar do assunto, mas me veio aquela dúvida, será que ela vai me abandonar por saber disso? Eu sei que não, mas isso insistiu em martelar na cabeça. E a carta pra minha avó, não sei como vou reagir com outra rejeição dela, só queria ter uma aproximação.

Ai, Debora, tô me sentindo deslocada, sem vontade de voltar pra casa. Tô com medo de voltar, não sei por quê, mas tô, não sei onde é meu lugar e nem com quem. Ainda veio à tona a história dos meus abusos. Não, não, Debora, eu só não quero voltar pra casa, encarar minha mãe. Quero tempo.

Acho que não vai entender o que eu tô falando, vai achar que é bobagem, mas só quero me encontrar.

Cora





Faltam 24 dias para a minha liberdade. Vivo aqui há 9 meses, tenho 20 anos. Meu nome é Alice e eu sou uma pessoa calma e ao mesmo tempo agitada, e sou muito inteligente.

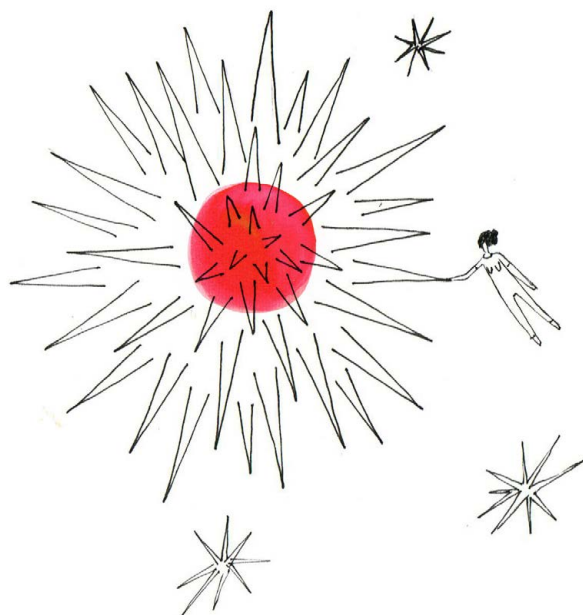
Eu caí por tentativa de latrocínio. Eu fiz esse ato porque eu fumava crack e na fissa não tinha outro jeito de arrumar dinheiro. Aí eu não tive escolha pois a droga falava mais alto.

Meus sentimentos por tudo o que passei aqui é um aprendizado. Me fez refletir muito. Mas eu sinto muito medo de sair, pois algo dentro de mim fala que eu não estou preparada pelas barreiras que há de surgir. Mas tenho fé que isso seja só um pressentimento ruim, pois eu que mando em mim, e tudo muda quando você muda. E se eu quero mudar, não há pressentimento para falar mais alto que minha Fé.

Eu faço 21 anos em 6 de outubro.

*Estou navegando em
um navio de grades
Em busca de uma ilha
chamada liberdade.*

Alice



Oi, Debora!

Então, Debora, eu fiquei com muita raiva, ódio daquela juíza desgramada. Naquele momento eu estava com tanta raiva daquela juíza que chega eu saí de perto da frente dela, porque senão eu ia fazer besteira, e ia ser pior pra mim. Aí eu preferi sair de lá e pensar como eu ia fazer ela engolir pelo menos umas duas palavras, e foi o que eu fiz.

É, Debora, a juíza pensa que todo mundo é marginal, por isso que ela anda com aqueles seguranças. Aí é onde ela se engana com isso, nós, meninas, não oferecemos nenhum perigo, ela tinha que ter medo era de quando ela sair de casa, porque esses seguranças dela não vão ser pra toda vida. Eu acho que o perigo que nós oferecemos pra ela é o que ela vê no papel e pensa que nós somos tudo o que a polícia fala no papel, e nem tudo nós somos. Porque é ela quem vê a gente como uma criminoso, como uma marginal, por isso que ela traz aqueles três seguranças.

A juíza falou que neste semestre não vai ter mais audiência. E por que não vai ter mais audiência? É porque não é ela que está atrás das grades, somos nós que estamos aqui sofrendo, sabe? Ela fala tão simples assim porque a juíza pensa que é fácil. Não é, nós passamos meses esperando audiência, pra essa mulher ruim chegar na hora e falar que não vai ter?

Debora, no dia do meu aniversário eu me senti um lixo por ter voltado pra esse lugar infernal. Eu me senti a menina mais burra nesse mundo, foi o meu pior dia. Além da donagente ter me deixado sozinha, sabendo que ia ser um momento difícil pra mim, sendo que ela podia pensar que era meu terceiro aniversário aqui, ela podia pelo menos colocar a Mel comigo. Ela não colocou, me deixou sozinha. De boa, Debora, eu vou fazer de tudo pra donagente me ajudar, mas quando menos esperar, no meu primeiro saidão eu pino, só de raiva e ódio.

Debora, eu não aguento mais esse lugar. Eu quero ir embora, eu já estou no ponto de surtar. Mas é de boa, isso passa.

OBS: obrigada pelas cartas, eu adorei. Obrigada pela carta de aniversário.

Carolina



Oi, Debora!

Eu estou bem, mas com o coração apertado, porque eu estou aqui nesse lugar. Eu não aguento essa cadeia safada, cada dia que se passa minha vontade é maior de ir embora. Sabe, agora que eu fico com mais expectativa de ir embora, porque a Mel só fica falando 'calma, Carol, tá chegando a hora de nós irmos embora'. Aí ela fica fazendo plano pra quando ela sair, e me contando, e isso me deixa com mais fé de ir embora.

Debora, eu fico aqui pensando, todo dia no meu quarto, que dia que eu vou embora. Todo dia eu imagino se está perto ou longe, fico pensando se a juíza vai aceitar meu pedido ou não. Isso me deixa tão insegura, porque eu fico com medo de a juíza negar o meu pedido, o que vai ser de mim nesse lugar infeliz? Eu já não aguento mais isso, está mexendo com o meu psicológico.

Debora, esse lugar não tem mais nada para me oferecer, e ninguém consegue entender isso. Ninguém me ajuda, todo mundo me conhece, sabe o que eu passo e o que minha mãe passa. A donagente a as técnicas, em vez de pensar em me ajudar, e falar 'não, vamos ajudar a Carolina, já que completou 18 anos, vamos fazer alguma coisa', ninguém faz nada. Quando eu me estressar eu vou mandar todo mundo ir para o inferno.

Debora, eu fiquei um ano e cinco meses aqui nesse lugar presa. Isso ninguém vê, todo mundo tinha que me entender, e falar 'não, nós não sabemos o que Carolina passou para ela estar aqui'. Mas não, todo mundo só vem me julgar, e falar 'eu não mandei você voltar', isso me dá uma raiva.

Então, Debora, eu não li o outro livro ainda, vou ler e te falo. E quando eu ler o livro que ganhei, eu te empresto, tá bom?

Tchau, beijos,

Carolina

7/1/2016 · Quinta-feira



Já tinha muitos dias que eu ansiava por esse momento, já tinha muitas noites que eu dormia fazendo planos para quando esse dia chegasse. Esse dia chegou. O natal. Minha saída. E enquanto estava subindo em direção à portaria, mil coisas se passavam na minha mente, pensamentos sobre como ia ser quando eu atravessasse os portões. Pensamentos que só me levavam à LIBERDADE. Quando atravessei o portão, e andei sem estar com a mão para trás, livre para ir aonde eu quisesse, que inspirei o ar, percebi que até este era diferente do lá de dentro. Eu olhei para o céu e fui caminhando sem saber para onde ia, enquanto minha mãe conversava com a donagente, provavelmente eu caminharia até cansar se não tivesse visto o Luís...

Debora, ele tava lá me esperando, do outro lado dos portões, eu quase nem acreditei, estava tão boba com a minha LIBERDADE que fiquei sem reação quando vi ele. Para dizer a verdade, nem me lembro de muita coisa, só dele vindo na minha direção para me abraçar. No começo deu vontade de brigar com ele, porque já tinha dito para ele não vir, mas ele é teimoso e veio. Só que eu não fiz isso, eu abracei ele e fiquei assim por um tempo, esqueci de tudo, e por mim ficaria assim durante horas. Mas aí me lembrei que estava na frente da unidade e uma necessidade louca de ir para longe dali tomou conta de mim, eu peguei na mão do Luís, chamei minha mãe e a gente foi embora.

Foi muito bom lá fora, eu curtir muito e resolvi uns problemas que estavam me incomodando, aproveitei bastante cada segundo, mas não fiz tudo que tinha planejado. Foi bom. Os dias passaram rápido, e enquanto estive lá fora foram poucas as vezes que me lembrei desse lugar. Não sei se todas as meninas que saíram tiveram a mesma reação que eu, se sentiram as mesmas emoções do que eu, pois, você sabe, sou um pouco intensa e profunda, e para mim, aqui dentro ou lá fora, cada minuto da minha vida é único e precioso.

Enfim, os dias foram passando e, quando me dei conta, já estava na hora de voltar. No dia 28, eu já acordei com uma sensação de nostalgia, sabia que teria que voltar dali a algumas horas, e desde cedo não consegui comer nada. É claro que depois eu me arrependi, pois não comi nada a manhã inteira e quando cheguei aqui estava com fome, e a única coisa que tinha para eu comer era o lanche da unidade. A caminho da unidade, eu estava com o celular da Cora na mão ligando para todas as pessoas que tinha visto no natal para poder me despedir, liguei para você, mas deu caixa postal. Quando cheguei na portaria, já não tinha mais ninguém para eu poder me despedir, eu olhei para os porteiros e quase caí no chão, eu não queria voltar, e tava sem forças até mesmo para falar.

Se não fosse a Cora para entregar o papel de saída para o porteiro e dizer que eu tava voltando, eu teria ficado ali, encarando o portão amarelo e os porteiros. A C2 e uns agentes subiram na portaria, aí eu pensei, “pronto, vai ser agora que eu vou entrar”. Só que aí a C2 olhou para a minha cara e disse: “Estamos no horário de almoço agora, se quiser retornar, volte às 14h, pois agora não podemos te receber”. Eu só olhei para cara dela e afirmei com a cabeça, virei as costas e exclamei: “Uh! Tenho duas horas a mais, vou curtir”.

E foi isso que eu fiz, eu fui beber, porque se não fosse o álcool eu não teria força suficiente para poder voltar. Não sei o que você – que não bebe – vai achar dessa história de eu ter voltado embriagada para a unidade, mas, Debora, me entenda, já foi um sacrifício ter voltado para

a unidade a primeira vez, para chegar e ouvir que tinha que voltar mais tarde, da boca de uma pessoa que não sabe o quanto é difícil e torturante voltar para a cadeia. Eu não ia ter forças. Eles queriam que eu pinasse, e eu consegui não fazer a vontade deles. Mas será que foi a melhor escolha?

Você já está ciente da fuga dos meninos que houve aqui na unidade? Não sei se sabe dos detalhes, mas, Debora, olha a sagacidade do plano deles: eles arrancaram o chuveiro para poder pegar o ferro que tinha nele, afiaram a ponta, planejaram uma fuga, e quando o corre estava solto eles deram o ferro do chuveiro para ele. E começaram a fingir que estavam orando bem alto, enquanto o corre arrombava o cadeado de todos os quartos. Na hora que foram trancar o corre, entraram três agentes no módulo, e um ficou lá fora, os meninos só abriram as portas e renderam os agentes, levaram os agentes para o PD e trancaram eles lá. O agente que ficou lá fora viu todos os meninos do módulo saírem correndo, aí ele simplesmente passou o rádio para todos os módulos falando que tinha um bocado de menino solto na unidade, armado com espeto. E agora imagina o que os agentes que estudaram para nos manter presos fizeram? Se trancaram dentro dos módulos e ligaram para a polícia. Engraçado, né, Debora, como é que pode meros internos conseguirem esvaziar um módulo sendo mais inteligentes do que pessoas estudadas para não deixar isso acontecer?

Contudo, essa fuga trouxe muitas consequências, os agentes arrancaram o chuveiro de todos os quartos dos módulos da unidade, menos o nosso, porque a donagente não deixou. E agora o corre é cronometrado, e tem plantão que nem tira o corre mais. Esse lugar fica pior do que era antes, e eu voltei. E o pior é que parece que ninguém queria que eu voltasse, pois foi só eu voltar que eu comecei a passar por um bocado de atribulação com esses agentes. Não vou mentir, já fiquei com raiva de você, da minha mãe e da Cora por terem falado para eu voltar, e mais raiva de mim ainda por ter escutado.

Debora, não sei se teria sido burrice minha se não tivesse voltado, porque todos os dias me arrependo amargamente por não ter evadido. Teria sido mais fácil. Sei que agora estou com uma grande oportunidade em mãos, de começar uma nova vida. Porém, eu tenho uma oportunidade, mas não sei se vai dar certo, estou dando tiro no escuro em relação à faculdade, eu posso errar e por que estou me arriscando a algo que pode nem dar certo sendo que é bem mais fácil eu continuar vivendo do mesmo modo que antes? Eu não sei, Debora, eu já conheço a vida do crime e sei viver nela, por que estou arriscando fazer coisas que nem sei, em um mundo que eu nem sei se vou ter sucesso? A faculdade, o estágio, você, é um mundo novo pra mim, pois eu antes não conhecia nada disso. Mas por que eu quero entrar nesse mundo? Eu nem sei se vou ser feliz nele.



Talvez a resposta para essas perguntas seja que eu realmente quero largar a vida do crime, surpreendente até pra mim mesma. Contudo, eu quero muito ir embora logo, mas é capaz de eu nem ser liberada. E, Debora, eu sinto muito, mas agora eu boto a minha palavra de mulher: se eu não receber a minha liberação em fevereiro, qualquer outro benefício que eu receber eu não vou cumprir, pois vai ser muita sacanagem da parte dessa juíza. Porque você não sabe da maior: Lygia, com um ano de sentença e ocorrência, saiu no Natal e ainda pegou uma sistemática; ela já vai começar a sair de quinze e quinze dias em fevereiro. Legal, né. Agora, se a juíza não me der uma liberação, eu não quero mais nada, eu não vou cumprir nada. Até agora, Debora, estou muito, mas muito arrependida mesmo de ter voltado para a unidade. Nunca pensei que ia dizer isso, mas da próxima vez, em qualquer situação da minha vida, eu não vou seguir conselhos de ninguém, eu não vou escutar mais ninguém, pois, se eu quebrar a cara depois, vai ter sido pelas minhas próprias escolhas, e não pela dos outros.

Mel

Rap Vida roubada

Crescida com a revolta e com ódio na cabeça
Mais uma garota perdida dentro da cadeia
Toda noite ela recorda de tudo que passou
Deitada na sua jega muitas vezes já chorou
Perdida nos seus pensamentos ela pensa em mudar
Mas falta oportunidade e alguém pra te ajudar
Eu falo, cara, por experiência própria
Entrar nessa vida é fácil mas pra sair é foda
Ela recorda o passado
Os cara, as dona e o dinheiro fácil, as droga, a fama
Caí nessa de crime de graça ela não entrou
Lembra da necessidade e da fome que passou
No seu sorriso pode ver uma menina meiga
Mas o seu olhar entrega a humilhação e a pobreza
As cicatrizes no seu corpo revelam o que já viveu
Seu coração despedaçado com tudo que já perdeu
Amor pra ela é só de Deus e de sua família
Pois o mundo já mostrou todas as suas armadilhas
Trairagem e ilusão foi uma das que te pegou
Na hora do vamo ver seus amigos te deixou
Dizer que só homem que porta, cara, isso é mentira
Quem foi que disse que mulher também não anda de cima
Guerra e problema foi o que te causou
Tá na vida do crime que de nada compensou
Hoje sente falta da sua liberdade
Vivendo o sofrimento atrás de uma grade

Aqui seus pensamentos é em vão
Pensa na família e nas coisas do mundão
Aqui dentro da cadeia não vejo o seu sorriso
As lágrimas dos seus olhos cada uma pesa um quilo
Um quilo de sofrimento dor e perda
Cadê o mano Felipe que também tá na cadeia
Queria tanto ver ele tô morrendo de saudade
Família separada infelizmente é a verdade



Sábado tá chegando ela espera sua visita
Dá um abraço na sua mãe mandar um beijo pra irmãzinha
Mas depois que tudo acaba volta a realidade
Entra pro quarto e fica triste chora de saudade
Até aquele cara que prometeu te ajudar
Agora lá na rua ele não vai te acompanhar
Fazer o quê se é assim até a física comprova
Tudo que sobe desce, tudo que vai volta
Eu sei que isso é fase e que tudo vai passar
Nada dura pra sempre e a dor vai acabar
Ela espera ansiosa a sua liberdade
O dia em que vai se ver livre dessas grades
Ela se pergunta a que ponto chegou
Sempre quis viver o mundo de alegria e muito amor
Pena que os seus sonhos não são de verdade
O mundo onde ela vive é a sua realidade

Se for somar as partes pretas no seu coração
Mancha revolta ódio medo e vingança
A vida com ela não foi boa
Não nasceu em berço de ouro e nem pra ser patroa
Ela tentou mudar o seu futuro
Mas foi pro caminho errado e afundou mais o seu mundo
Crueldade e maldade foi o que te marcaram
Mas as suas esperanças ainda não se acabaram
Com as experiências que viveu agora quer mudar de vida
Quer ser alguém lá fora e ajudar sua família
Essa vida de crime na verdade é ilusão
Agora é seguir outro caminho e ajudar o seu irmão
Vou ficando por aqui com essa história real
Que por dentro torço muito para ter um bom final
Pois na verdade ela não é culpada
Infelizmente sua juventude foi roubada

Mel e Jarid

POSFÁCIO

Essas cartas são memória de um encontro inusitado. Tanto eu quanto elas estávamos no lugar errado – elas, porque presas ainda meninas, à espera de um sentido para a vida que não poderia ser construído a partir dali; eu, porque pesquisadora, com planos predeterminados, que se resumiam a compreender e não me envolver. Sem que os manuais de pesquisa me socorressem, me vi no centro das atenções de meninas curiosas e espertas que queriam ouvir, aprender e ler. Eu sabia que a leitura em cadeia era sobrevivência para o tempo, mas não esperava que fosse tanto e menos ainda que fosse algo que eu poderia oferecer como leitura para meninas adolescentes. Minha biblioteca de interesses era muito diferente dos romances adocicados de princesa ou dos livros de detetives com superpoderes que circulavam nos corredores. Propus livros de literatura escritos por mulheres, artigos de jornal sobre temas difíceis ou conversas quase acadêmicas.

Incrivelmente, fui aceita nessa jornada. É certo que deve ter havido muita conversa fiada em minhas primeiras semanas entre elas, mas jamais especulei o conteúdo. O que houve foi que o plano de pesquisa foi se metamorfoseando em vários outros encontros. Uma das experiências que vivi em Santa Maria foi a da troca de cartas com as meninas: um dia a cada três, levava e trazia cartas. Havia um ritual para que as palavras circulassem. Dos tamanhos dos envelopes à cor do papel, cada detalhe foi sendo inventado entre nós, sem que jamais tivéssemos feito um roteiro de como seria. Eu distribuía as minhas e recolhia outras, outras vezes entregava cadernos e recebia diários. Meu dever era respondê-las nos dias seguintes, até a próxima visita, pois não havia possibilidade de carta não respondida para quem tanto esperava. Não foram cartas pensadas para serem lidas além de mim ou delas, nem mesmo pelos agentes de segurança de Santa Maria. Eram cartas como conversas que se estendiam para além de minha permanência no módulo onde elas viviam presas. Mas também não havia proibição ou segredo para a leitura estendida, era só um momento em que as cartas eram a matéria da palavra.

Agora me pergunto por que elas escreviam. Não sei a resposta delas, a minha é porque a palavra é sobrevivência, e a prisão é onde o silêncio ordena a vida. Há sempre barulho em um barraco ou módulo,

mas esse não é o ruído que provoca a angústia do silêncio em uma prisão. É silêncio interior, é parte da angústia que vive uma menina que desconhece se receberá visita, se haverá liberdade e o que a espera depois da liberdade – se o mesmo mundo do crime ou outro mundo impossível. Essas são meninas que conheceram uma banda maldita da vida: logo cedo, andaram pela rua, viveram a prostituição e a violência, foram bandidas mirins. Eram meninas que, como muitas outras pessoas, eu teria razões para temer.

No lugar do medo, coloca-se a compaixão que preenche o sentido de quem as visitava para qualquer coisa, como para rezar ou ensinar a tricotar. Não ignoro que a compaixão é um sentimento legítimo para iniciar o encontro com gente que se rejeita, mas é insuficiente para a permanência de qualquer encontro genuíno. Eu era uma mulher tão inusitada quanto elas eram meninas para mim – uma madame, como gostavam de me descrever; e elas as bandidas, como a vulgaridade as nomeia. Essas cartas são o monumento do encontro, uma memória para além do que guardo em mim e elas nelas. Relê-las do lado de fora, em outro momento de nossas vidas, é quase como transformá-las em ficção. Parece ser a história de outras, e não a nossa, e exatamente por isso é tão importante que sejam lidas por mais gente que as remetentes e as destinatárias. É preciso que não sejam esquecidas em um arquivo de pesquisa.

Quase todas as meninas que conheci em Santa Maria estão presas na cadeia de mulheres adultas. Há sobreviventes que conto como um, dois e três e as nomeio sem fraquejar na dúvida. De todas elas, as cartas estão aqui. Não há uma autora única, são vozes múltiplas que nos permitem sentir a história de cada uma e também a daquele lugar. São cartas sobre a intimidade da vida, e sobre o sem sentido da cadeia para a transformação da existência. Não há segredos nelas nem uma agenda específica para a moral do crime ou do medo – são cartas de meninas que liam livros, que passaram a escrever com o pouco letramento de que dispunham, e que descobriram que alguém do além poderia lê-las.

Debora Diniz

Professora da Universidade de Brasília
Pesquisadora da Anis – Instituto de Bioética

MODOS DE DIZER

157: roubo; é uma referência ao artigo do Código Penal que descreve a prática.

Andar de cima: estar armada.

Balanço Geral: programa de televisão com foco em jornalismo policial.

Bocuda: grade da porta dos quartos na unidade de internação.

C2: coordenadora de equipes de plantão de agentes socioeducativos.

Cair: ser apreendida pela polícia.

Caje: Centro de Apoio Juvenil Especializado; antiga unidade de internação socioeducativa do Distrito Federal criada em 1976 e desativada por determinação judicial em 2014, após décadas de denúncias de falta de infraestrutura, superlotação, tortura e morte de adolescentes internos.

Canas: policiais.

Caps: Centros de Atenção Psicossocial; são serviços comunitários de saúde mental do Sistema Único de Saúde (SUS).

Chiago: Centro de Internação de Adolescentes Granja das Oliveiras, antigo nome da atual Unidade de Internação de Recanto das Emas (Unire).

Corre: refere-se tanto ao trabalho de limpeza dos módulos quanto às adolescentes que o realizam.

Donagentes, de preto: agentes socioeducativas; são profissionais responsáveis pela vigilância, acompanhamento e segurança de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Esparro: desrespeito a mandamento de convivência que resulta em inimizade de outras adolescentes.

Galpão: local que abriga pessoas presas em regime semiaberto, ou seja, aquelas que têm direito a trabalhar fora da unidade prisional durante o dia mas devem retornar à noite.

Jega: cama.

Internos: adolescentes em cumprimento de internação socioeducativa.

Lombra: estado alterado de consciência associado ao consumo de drogas.

Marido: homem com quem se coabita e se mantém parceria para sobrevivência na economia ilegal do tráfico; não tem relação direta com casamento civil.

MBA: Mandado de Busca e Apreensão; é ordem judicial de localização de adolescente em situação de conflito com a lei.

Módulos, M6, M7: blocos da unidade de internação que reúnem quartos ou celas; são divididos entre módulos para adolescentes em internação provisória e em internação estrita, isto é, determinada em sentença.

NAI: Núcleo de Atendimento Integrado; é o espaço para onde são levadas adolescentes apreendidas em flagrante por prática de ato infracional no Distrito Federal, e reúne autoridades responsáveis pelo acompanhamento de medidas socioeducativas, como Promotoria e Vara de Infância e Juventude, Defensoria Pública, Delegacia da Criança e do Adolescente.

Ocorrência: falta disciplinar, violação de regras da unidade de internação.

Oitão: arma de fogo.

PD: Pavilhão Disciplinar; módulo para adolescentes separadas da convivência com as demais, usado em fase de adaptação de recém-chegadas à unidade e para punição por falta disciplinar.

Pinar: fugir do cumprimento da medida socioeducativa.

Portar: andar armada.

Revista: processo de inspeção corporal a que são submetidas pessoas que visitam adolescentes internadas, em que em geral se exige tirar a roupa e mostrar órgãos genitais às agentes socioeducativas.

Rodar: ser apreendida pela polícia.

Saidão: autorização judicial para saída temporária da unidade para adolescente em cumprimento de internação socioeducativa em datas especiais, como dia das mães, dia dos pais, natal.

Saída sistemática, saída quinzenal: autorização judicial para saída temporária da unidade nos fins de semana para convívio com a família.

Seguro: módulo para adolescentes separadas da convivência com as demais, seja por sofrimento mental seja por conflito com internas.

Trairagem: desrespeito.

Tranca: quarto ou cela.

UISM: Unidade de Internação de Santa Maria; é a única unidade mista de cumprimento de medida socioeducativa de internação no Distrito Federal, ou seja, abriga módulos masculinos e femininos.

UnB: Universidade de Brasília.

Unidade de socioeducação: estabelecimentos onde adolescentes em conflito com a lei cumprem medidas socioeducativas, isto é, sanções aplicadas a maiores de 12 e menores de 18 anos que cometem atos infracionais.

VEC: Vara de Execuções Criminais.



“Eu estou tirando um nó da minha garganta porque eu nunca contei a minha história para nenhuma pessoa.”

Este livro de cartas é um tear reverso, ele (des)faz uma trama complexa nó por nó. Dentro dos muros da cadeia, as meninas fiandeiras vão soltando seus fios; do lado de fora uma pesquisadora gira a roca e guarda os novelos.

Foi com essas linhas – e só assim – que eu consegui ilustrar cada carta. O nó na garganta, que vira palavra, que vira traço, que volta em forma de nó na garganta de quem lê. Não existe outro jeito de entender o que se passa lá dentro. Abra o livro e segure a ponta do fio.

VALENTINA FRAIZ

Ilustradora